

O SEMIÁRIDO apresenta, em sua essência, um rico acervo natural, cultural e humano. Suas populações são resistentes e sua luta encontra força na coletividade. Apesar da imagem de pobreza veiculada pela mídia, seu povo celebra com alegria sua diversidade cultural e seu modo de vida. A consciência de sua identidade sustenta a reafirmação de suas intenções políticas.

Reflexões coletivas construídas na Oficina de Produção de Materiais Paradidáticos. RESAB/INSA/UNIMONTES. Junho, 2011.

 **VENDA PROIBIDA**

ISBN 978-85-68126-04-2



9 788568 126042

| Editora:



| Realização:



| Apoio:



Caritas
Banco Jesuítas de Portugal



Este livro foi realizado com benefícios do PROEXT 2016 - MEC/SESu.

OMNI E JUDU: os Vales e seus Saberes

Magda M. Macêdo | Cassio A. da Silva | Clebson S. de Almeida | Ivy F. Higino Martins

Editora Projeto Cultural

OPARÃ

E

JEQUI

os Vales e seus Saberes



ORGANIZAÇÃO:
Magda Martins Macêdo
Cássio Alexandre da Silva
Clebson Souza de Almeida
Ivy F. Higino Martins

**ARTICULAÇÃO POR UMA
EDUCAÇÃO DO CAMPO
NO SEMIÁRIDO MINEIRO**

Magda Martins Macêdo | Cássio Alexandre da Silva
Clebson Souza de Almeida | Ivy F. Higino Martins
(organizadores)

OPARÃ

E

JEQUI

os Vales
e seus
Saberes

1ª edição

Montes Claros



2017

Organização:

Magda Martins Macêdo,
Cássio Alexandre da Silva,
Clebson Souza de Almeida,
Ivy F. Higino Martins.

Samuel Leite Caetano,
Silvio da Silva,
Valdecir Lopes Viana,
Roberta Letícia Pereira Marques,
Patrícia Goulart Tondinelli.

Autores de textos coletivos:

Anailde Rocha Dourado,
André Rodrigo Rech,
Andréia Luciane Sol Souza,
Aneuzimira Caldeira Souza,
Dilma Vieira de Aquino Silva,
Edinaura Soares da Silva,
Ellen Vieira Santos,
Ivy F. Higino Martins,
Magda Martins Macêdo,
Marcos Fernandes Silva,
Maria Aparecida Afonso Oliveira,
Maria A. das Graças Oliveira,
Moisés Dias de Oliveira,
Naura Sthocco Silva,
Oswaldo Samuel Costa Santos,
Renata Cristina Pereira Queiroz,

Autores de textos individuais:*

Cássio Alexandre da Silva,
Clebson Souza de Almeida,
Custódio Camilo do Carmo,
Decanor Nunes dos Santos,
Faustina Lopes da Silva,
Maria José Ramos,
Oscarino Aguiar Cordeiro.

Projeto gráfico:

Ivy F. Higino Martins

Ilustração:

Roberta Letícia Pereira Marques

Revisão:

Patrícia Goulart Tondinelli

EQUIPE DE ELABORAÇÃO

Anailde Rocha Dourado

Professora da rede pública.
Articulação por uma Educação
do Campo no Semiárido Mineiro.

André Rodrigo Rech

Professor da licenciatura em
educação do campo.
Faculdade Interdisciplinar em
Humanidades – FIH.
Universidade Federal dos Vales do
Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM.

Andréia Luciane Sol Souza

Historiadora e educadora popular.
Fórum Mineiro de Educação
de Jovens e Adultos.
Articulação por uma Educação
do Campo no Semiárido Mineiro.

Aneuzimira Caldeira Souza

Instituto Federal do Norte de Minas
Gerais/Araçuaí.
Laboratório de Educação
do Campo – UNIMONTES.
Articulação por uma Educação do
Campo no Semiárido Mineiro.

Carlos Alberto Dayrell

Centro de Agricultura Alternativa
do Norte de Minas.

Cássio Alexandre da Silva

Professor do Departamento
de Geociências e do Programa de Pós-

graduação em Geografia (PPGEO)
da UNIMONTES.

Cláudia Luz de Oliveira

Departamento de Política e Ciências
Sociais - DPCS/UNIMONTES.

Clebson Souza de Almeida

Licenciatura em Educação do Campo/
Ciências Sociais e Humanas da
Natureza e Matemática/UFVJM.
Centro de Agricultura Alternativa
Vicente Nica – CAV.
Articulação por uma Educação
do Campo no Semiárido Mineiro.

Custódio Camilo Do Carmo

Magistério do Campo - nível médio/
UNIMONTES.
Comunidade Geraizeira do
Assentamento Tapera / Riacho dos
Machados – Norte de Minas.
Articulação por uma Educação do
Campo no Semiárido Mineiro.

Decanor Nunes dos Santos

Licenciatura em Pedagogia da Terra.
Cáritas Diocesana – Baixo
Jequitinhonha. Laboratório de
Educação do Campo/UNIMONTES.
Articulação por uma Educação do
Campo no Semiárido Mineiro.

Dilma Vieira de Aquino Silva

Pedagogia do Campo.

DADOS INTERNACIONAIS PARA CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

061 Opará e Jequi : os vales e seus saberes / organização:
Magda Martins Macedo, Cássio Alexandre da Silva,
Clebson Souza de Almeida, Ivy F. Higino Martins. -
1. ed. - Montes Claros : Projeto Cultural, 2017.
100 p. : il. color. ; 30 cm.

"Articulação por uma Educação do Campo no Semiárido
Mineiro".
Bibliografia: p. 98-99.

ISBN 978-85-68126-04-2

1. Regiões áridas - Minas Gerais. 2. Regiões áridas
- Minas Gerais - Aspectos sociais. 3. Sertanejos -
Minas Gerais - Usos e costumes. 4. Educação rural -
Minas Gerais. 5. Ecologia agrícola - Minas Gerais. 6.
Agricultura familiar - Minas Gerais. 7. Posse da terra
- Minas Gerais. 8. Movimentos sociais - Minas Gerais.
I. Macedo, Magda Martins, 1961-. II. Silva, Cássio
Alexandre da, 1971-. III. Almeida, Clebson Souza de,
1988-. IV. Martins, Ivy F. Higino, 1988-.

CDD 631.498151

Ficha catalográfica elaborada pela bibliotecária Lioara Mandoju CRB-7 5331

* **Nota da organização:** os textos e poesias de autoria individual apresentam, junto ao título, o nome do seu respectivo autor. Todos os demais textos deste livro foram elaborados coletivamente por todos os autores indicados, nesta página, no tópico 'autores de textos coletivos'.

PRONERA/UNIMONTES

Edinaura Soares da Silva

Pedagogia do Campo.
PRONERA/UNIMONTES.

Ellen Vieira Santos

Federação dos Trabalhadores na
Agricultura do Estado de Minas Gerais/
FETAEMG.

Laboratório de Educação
do Campo – UNIMONTES.

Articulação por uma Educação
do Campo no Semiárido Mineiro.

Ivy F. Higino Martins

Designer, professora e pesquisadora.
Mestra e bacharel em Design,
pós-graduada em Comunicação
na Era Digital.

João Batista de Almeida Costa

Programa de Pós-graduação
em Desenvolvimento Social -
PPGDS/UNIMONTES.

Departamento de Política e Ciências
Sociais - DPCS/UNIMONTES.

Magda Martins Macêdo

Laboratório de Educação do Campo
Departamento de Educação/
UNIMONTES.

Articulação por uma Educação do
Campo no Semiárido Mineiro.

Marcos Fernandes Silva

Licenciatura do Campo em História/UFPB.
Setor Estadual de Educação/MST.

Laboratório de Educação do Campo/
UNIMONTES.

Articulação por uma Educação
do Campo no Semiárido Mineiro.

Maria Aparecida Afonso Oliveira

Projeto Escola da Terra UFMG/SEE
Laboratório de Educação do Campo/
UNIMONTES.

Articulação por uma Educação
do Campo no Semiárido Mineiro.

Maria A. das Graças Oliveira

Fundação Educacional dos Vales do
Jequitinhonha e Mucuri.

Centro de Agricultura Alternativa
Vicente Nica – CAV.

Articulação por uma Educação
do Campo no Semiárido Mineiro.

Moisés Dias de Oliveira

Licenciatura em Educação do
Campo - LECAMPO/UFMG.
Movimento Geraizeiro.

Naura Sthocco Silva

Departamento de Estágios e
Práticas Educacionais –
DEPE/UNIMONTES.

Osvaldo Samuel Costa Santos

Licenciatura em Educação do
Campo/LECAMPO/UFMG.

Patrícia Goulart Tondinelli

Revisora de Textos.
Departamento de Comunicação
e Letras – DEL/UNIMONTES.

Renata Cristina Pereira Queiroz

Departamento de Métodos e
Técnicas Educacionais –
DMTE/UNIMONTES.

Roberta Letícia Pereira Marques

Ilustradora.
Departamento de Artes –
DA/UNIMONTES.

Rômulo Soares Barbosa

Programa de Pós-graduação
em Desenvolvimento Social -
PPGDS/UNIMONTES.
Departamento de Política e Ciências
Sociais - DPCS/UNIMONTES.

Samuel Leite Caetano

Association For India's
Development do Brazil –

Actionaid Brasil.

Centro de Agricultura Alternativa
do Norte de Minas – CAA/NM.
Articulação por uma Educação
do Campo no Semiárido Mineiro.

Silvio da Silva

Comissão Parlamentar pela
Educação do Campo.
Articulação por uma Educação
do Campo no Semiárido Mineiro.

Valdecir Lopes Viana

Licenciado em Educação do
Campo/UFMG.
Centro de Agricultura Alternativa
Vicente Nica – CAV.
Articulação por uma Educação
do Campo no Semiárido Mineiro.

| Editora:

| Realização:

| Apoio:



Este livro foi realizado
com benefícios do
PROEXT 2016 - MEC/SESu.

OPARÃ

E

JEQUI

os Vales
e seus
Saberes

Movimento:

ARTICULAÇÃO POR UMA EDUCAÇÃO DO CAMPO NO SEMIÁRIDO MINEIRO

ORGANIZAÇÃO:

Magda Martins Macêdo
Cássio Alexandre da Silva,
Clebson Souza de Almeida,
Ivy F. Higino Martins.

ISBN 978-85-68126-04-2



9 788568 126042

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	08	VOZ DO GERAIZEIRO	52
<i>Autoria coletiva</i>		<i>Custódio Alves do Carmo</i>	
INTRODUÇÃO	10	CAATINGUEIROS	56
<i>Autoria coletiva</i>		<i>Autoria coletiva</i>	
SEMIÁRIDO	13	AGRICULTURA CAMPONESA AGROECOLÓGICA NO SEMIÁRIDO MINEIRO	58
<i>Autoria coletiva</i>		<i>Autoria coletiva</i>	
RIOS LAVRADORES DE SONHOS	18	O RESTANTE QUE NOS RESTA	64
<i>Clebson Souza de Almeida</i>		<i>Faustina Lopes da Silva</i>	
RIO JEQUITINHONHA	24	A LUTA PELA TERRA	66
<i>Decanor Nunes dos Santos</i>		<i>Autoria coletiva</i>	
VOZ NAVEGANTE DO SEMIÁRIDO	26	SENHORES	69
<i>Clebson Souza de Almeida</i>		<i>Autoria coletiva</i>	
ÍNDIOS DE TEMPOS	30	HISTÓRIA DA AGRICULTURA	74
<i>Cássio Alexandre da Silva</i>		<i>Oscarino Aguiar Cordeiro</i>	
GENTE QUE É GENTE	36	CONVERSA ENTRE EDUCADORES	78
<i>Maria José Ramos</i>		<i>Autoria coletiva</i>	
QUILOMBOLAS	38	SUGESTÃO DE SITES, FILMES E DOCUMENTÁRIOS PARA ESTUDO E PESQUISA	92
<i>Autoria coletiva</i>			
VAZANTEIROS	44	REFERÊNCIAS	98
<i>Autoria coletiva</i>			
GERAIZEIROS	50		
<i>Autoria coletiva</i>			

APRESENTAÇÃO

A **Articulação por uma Educação do Campo no Semiárido Mineiro**, composta por educadores geraizeiros, quilombolas, indígenas, pescadores, vazanteiros, groteiros, assentados, do movimento dos trabalhadores Sem Terra, do movimento sindical, agricultores camponeses e pesquisadores regionais, foi criada durante a “Oficina de Produção de Materiais Paradidáticos: Educação para a Convivência com o Semiárido”, realizada através de uma parceria entre o Instituto Nacional do Semiárido (INSA), a Rede de Educação do Semiárido Brasileiro (RESAB) e a Universidade Estadual de Montes Claros (UNIMONTES), no mês de junho de 2011, na cidade de Montes Claros, Norte de Minas Gerais. Esta Articulação, numa proposta de trabalho coletivo, se empenhou na construção do livro paradidático “OPARÁ E JEQUI: os Vales e seus Saberes”, que agora chega às suas mãos, elaborado coletivamente entre junho de 2011 e junho de 2017.

Este livro é resultado da comunhão de ideias e do esforço comum para apresentar, de maneira didática e carinhosa, as riquezas, belezas e características significativas dos grupos étnicos regionais. Contudo, também visa apresentar os problemas, desafios e demandas com que estes grupos têm se deparado ao longo das últimas décadas, no confronto entre a lógica economicista de desenvolvimento e a lógica da sustentabilidade e da agroecologia.

Elaborado na perspectiva da Educação do Campo, Educação Contextualizada e da Convivência com o Semiárido, este livro acredita no reconhecimento e na valorização, pela escola, dos diversos conhecimentos e saberes tradicionais. Dessa forma, o livro se traduz na possibilidade de uma leitura crítica sobre a realidade regional e o modo de vida da mulher e do homem sertanejo, sejam eles do campo ou da cidade. De maneira lúdica e textual, se faz presente em cada página deste material

paradidático, a história, a cultura, a alimentação, o modo de produção, as ervas medicinais, a sabedoria e religiosidade destas comunidades.

O convite não é somente à leitura dos diversos tipos de textos e ilustrações, mas à pesquisa e aprofundamento dos temas apresentados, à curiosidade, à criatividade intelectual e artística. Compartilhamos com vocês “OPARÁ e JEQUI: os Vales e seus Saberes”, essa semente lançada, esperando que frutifique em flor e frutos, em conhecimentos ricos e prazerosos sobre nossa realidade sertaneja.

Junho de 2017.



O **Semiárido Mineiro** que aqui apresentamos é parte de todo o território do Semiárido Nacional. Está regionalizado no Norte de Minas e no Vale do Jequitinhonha, nas Bacias Hidrográficas do Rio São Francisco e do Rio Jequitinhonha. Essa leitura espacial é significativa tanto no aspecto físico quanto nos aspectos humano e cidadão.

A diversidade étnica e cultural do Semiárido Mineiro se apresenta na riqueza e variedade de comunidades que revelam o seu olhar na paisagem, constituídas através do trabalho e da convivência secular. São identidades sertanejas que se constituem em diversas populações tradicionais e que buscam a preservação e reprodução de seu modo de vida.

O Semiárido Mineiro é uma região brasileira significativa pelas características geográficas que compõem sua paisagem, singular pelo baixo índice pluviométrico, composta por solos pouco agricultáveis, bem como por tantos outros tipos férteis de solo e por vegetações que transitam entre as principais fitofisionomias do país: a Caatinga, o Cerrado e a Mata Atlântica. Estas fitofisionomias estão localizadas entre os fundos de vales às margens ribeirinhas, nas maiores altitudes dos campos rupestres e nas chapadas dos gerais, que se traduzem pela aridez nos meses de seca contínua, mas também pela riqueza verde e de flores e frutos nas chuvas das águas.

O Semiárido Mineiro está localizado no Norte de Minas Gerais e no Vale do Jequitinhonha. Possui uma área de, aproximadamente, 103.590 km² distribuídos por 85 municípios. Essa extensão representa 10,54% da área total do Semiárido Brasileiro. Diversos estudos e pesquisas afirmam que esta é uma das regiões de Minas Gerais e também do Brasil que possui um dos maiores adensamentos de

agricultores camponeses. No Semiárido, há cerca de 2.165.636 habitantes. Destes, 37,9% vivem com o que produzem na zona rural, o que representa uma população de 820.107 habitantes, composta por 52,3% de homens e 47,7% de mulheres (DAYRELL, 2012, p. 1).

As populações tradicionais se apresentam em dois momentos. O primeiro momento é na sua constituição socioantropológica baseada na identidade, resistência e visibilidade. O segundo momento está vinculado às políticas públicas nacionais, através do Decreto Lei Nº 6.040, de 07 de fevereiro de 2007, que instituiu a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Em seu Artigo 3º, o Decreto define “povos e comunidades tradicionais”, “territórios tradicionais” e “desenvolvimento sustentável”, respectivamente, como:

I - Povos e Comunidades Tradicionais: grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição;

II - Territórios Tradicionais: os espaços necessários a reprodução cultural, social e econômica dos povos e comunidades tradicionais, sejam eles utilizados de forma permanente ou temporária, observado, no que diz respeito aos povos indígenas e quilombolas, respectivamente, o que dispõem os arts. 231 da Constituição e 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias e demais regulamentações;

III - Desenvolvimento Sustentável: o uso equilibrado dos recursos naturais, voltado para a melhoria da qualidade de vida da presente geração, garantindo as mesmas possibilidades para as gerações futuras.

A unicidade sertaneja divide-se, de maneira geral, em Indígenas, Quilombolas, Geraizeiros e Chapadeiros, Caatingueiros, Veredeiros, Groteiros, Ribeirinhos, Vazanteiros, Pescadores, Ilheiros, Apanhadores de Sempre Vivas, dentre outros. Essas identificações são feitas a partir do modo de vida de cada povo ou comunidade tradicional. Além delas, podem ser identificadas como

comunidades regionais de perfil essencialmente rural – ainda que também transitem pelas cidades –, os agricultores camponeses e os grupos que estão direta ou indiretamente envolvidos com conflitos de terra, tais como os assentados, os Sem Terra e os atingidos por unidades de conservação, por barragens e pela mineração.

A partir dos aspectos físicos e humanos, podemos identificar o direito dos povos e comunidades tradicionais ao território do Semiárido Mineiro. Tal direito se configura pela convivência equilibrada destes com o lugar. O reconhecimento e a ampliação desse território tem se dado através do trabalho conjunto dos movimentos sociais, das organizações não governamentais, associações comunitárias, cooperativas, instituições de ensino e outros sujeitos que representam e defendem as múltiplas identidades sertanejas.

Na construção da cidadania, há que se preservar o equilíbrio entre o sertanejo e a natureza, apresentado no modo de vida sustentável que permitiu a convivência secular com o Semiárido. Isso significa que existem direitos a serem reconhecidos e efetivados através de políticas públicas adequadas a esta realidade. Dentre eles, o direito a uma educação contextualizada.

Ao propor a problematização destes temas nas escolas do campo como material paradidático, este livro espera ampliar o debate acerca dos direitos das comunidades sertanejas, seja em relação à posse dos seus territórios, à valorização e manutenção de seus conhecimentos seculares ou ao seu modo de vida, importante raiz cultural da identidade do Semiárido Mineiro.

SEMIÁRIDO

Reflexões coletivas construídas na Oficina de Produção de Materiais Paradidáticos. RESAB/INSA/UNIMONTES. Junho, 2011.

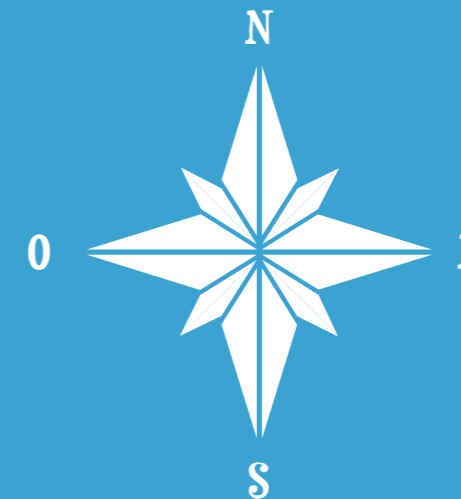
“O Semiárido apresenta na sua essência um rico acervo natural, cultural e humano. Suas populações são resistentes e sua luta encontra força na coletividade. Apesar da imagem de pobreza veiculada pela mídia, seu povo celebra com a alegria sua diversidade cultural e seu modo de vida. A consciência de sua identidade sustenta a reafirmação de suas intenções políticas”.

“Espaço geográfico caracterizado pela irregularidade das chuvas, habitado por povos de culturas singulares, dotados de saberes específicos, frutos de sua história de interação com o ambiente, embora pouco considerado pelas políticas públicas, historicamente explorado material e politicamente pelas elites hegemônicas e nos últimos tempos tendo seu contexto agravado com a exploração capitalista dos recursos naturais e as mudanças climáticas globais”.

“Vemos o Semiárido como uma oportunidade para o povo que luta no cotidiano por uma convivência viável no campo, com perspectiva de uma melhor qualidade de vida para as famílias sertanejas, com potencialidades mais articuladas”.

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO SEMIÁRIDO MINEIRO

Norte de Minas Gerais e
Vale do Jequitinhonha



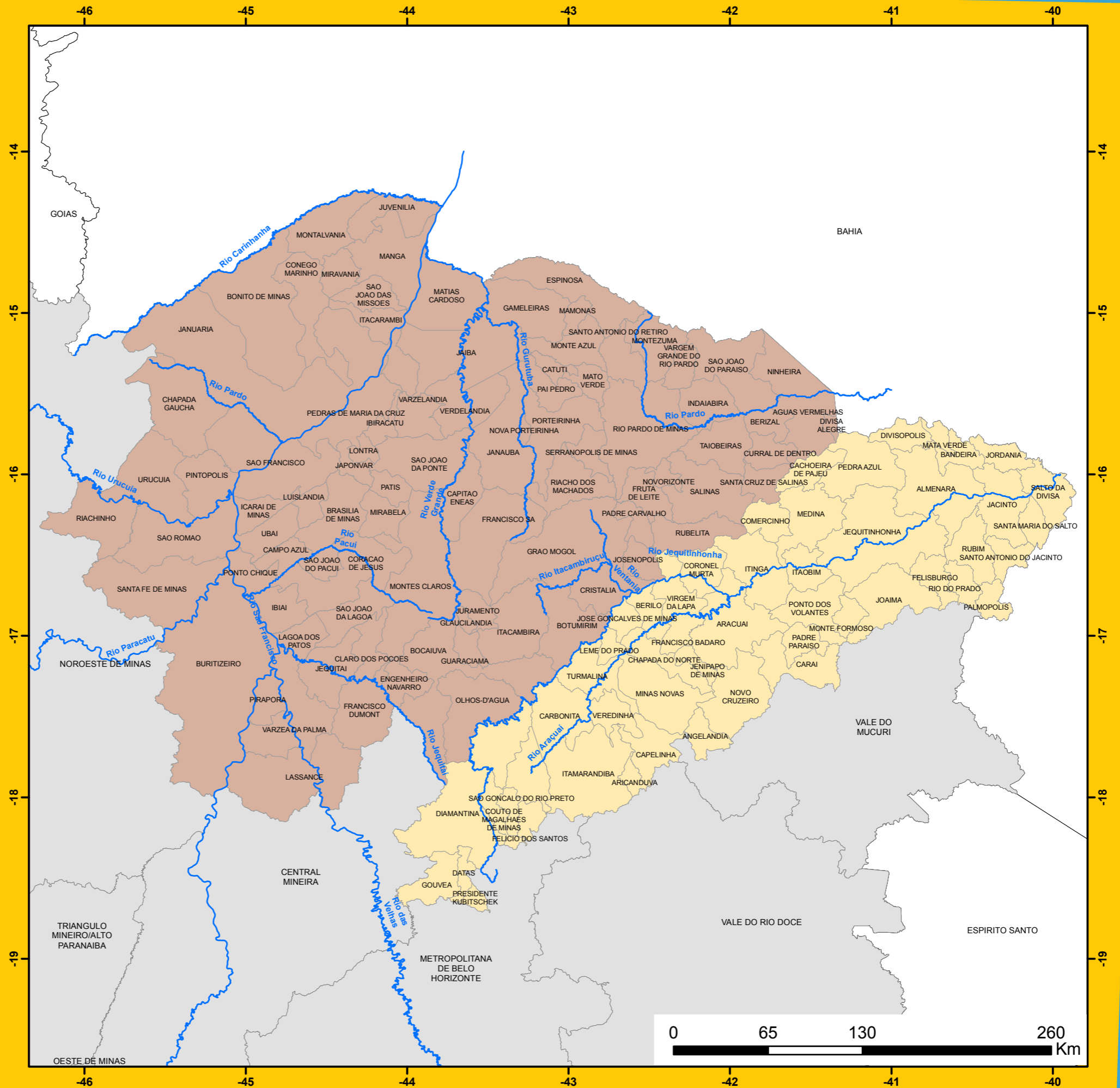
LEGENDA:

-  Hidrografia
-  Norte de Minas Gerais
-  Vale do Jequitinhonha
-  Minas Gerais
-  Brasil

Sistema de Coordenadas Geográficas
Datum SAD-69

Fonte: IBGE, 2005
Org: DA SILVA, C. A., 2011
Elab: VELOSO, G. A., 2011

LOCALIZAÇÃO GEOGRÁFICA DO SEMIÁRIDO MINEIRO E SEUS PRINCIPAIS RIOS



RIOS LAVRADORES DE SONHOS

Clebson Souza de Almeida
Poeta, Educador Popular, CAV/Turmalina.

Das entranhas do Jequi e do Velho Chico brotam tambores,
canções, poesias e amores
que se escoam das montanhas frias,
lavando o manto chiçado de fulôres.

Ao barro do Campo Alegre se dá vida,
valendo os vales de culturas tão queridas!

Lugar dos sonhos a brotar, na doçura do sorriso.
Lugar de um povo a encantar, de beleza tamanha ao paraíso.

Plantei, cuidei e, nas mãos de Deus, a lavoura entreguei.
Colhendo os frutos, o milagre agradei.

Farturei!
Mas, para tristeza,
veio o avanço me engolir.

Meu rio longo virou lago logo,
com as raízes e cicatrizes,
mesmo contra minha vontade.
No grotão inundei felicidade
e minha terra cobriu-se d'água,
tristeza e saudade.

Bem diante da beleza
do Arraial da Piedade,
o cansaço secou os lábios,



a indignação alagou o olhar,
mas o suor salgado que
engasga não me impede de

GRITAR

que a vida não se conforma a
viver de tão estranha forma.

Caminhemos e lutemos depressa, contra esta unidade perversa.
Para que, mesmo na sequeidão dos olhos, d'água se aflorem
esperanças, ainda que semiáridas,
de que jamais, sobre o sertão,
lágrimas salguem o sabor de ser criança.

E ao brilho do sol, no germinar da semente,
juntos vão cantar a canção que embala o sorriso dessa gente.

Lutemos e caminemos
como guerreiros, de honra e coração.
Guerreiros são terras, de foice e facão.

Lutemos e caminemos,
antes que a vida
se faça ilusão.
ILUSÃO.



DIÁLOGO DOS RIOS

Todo o grande rio nasce como os pequeninos: de um filete de água. De um punhado de gotas reunidas, que saem do corpo da terra. Alguns, como eu agora, mas não antes, correm riachos apressados e cantantes. Descem depressa no meio de matos e de sombras, entre cipós, araras e onças. Fazem corredeiras de piaparas e, de vez em quando, cascadeiam saltos: formam cachoeiras, descem em despenhadeiros e rugem no silêncio, trovões que não se acabam. Alegria de rio menino são esses cantares, essas cantilenas alegres de flautas e tambores. Depois, rios crescidos, águas que se ajuntam pelo caminho a outras águas, serenam o corpo. Viajam em planos e vão devagar. Rios de remansos como eu sou adiante, aqui e ali. Vagaroso... Mas nem sempre. Veja. (BRANDÃO, 2003, p. 48)

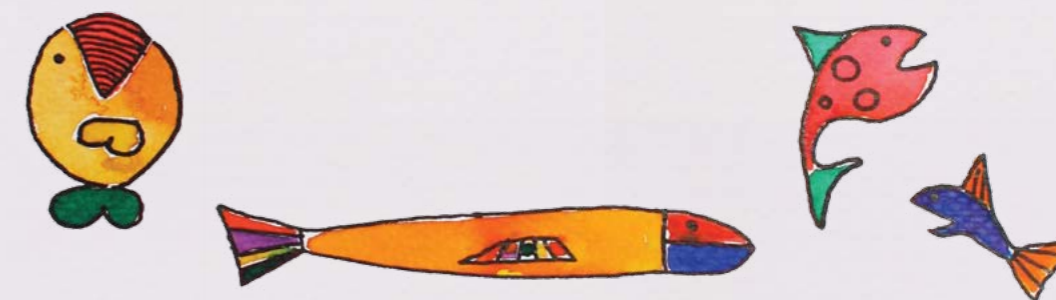
Eu sou Opará

Eu sou o Rio São Francisco, mas me chamam carinhosamente de “Velho Chico”. Meu nome indígena é Opará. Sou um dos mais importantes cursos d’água do Brasil e de toda a América do Sul e minha extensão é de 2.830 km. Por muito tempo acharam que eu nascia na Serra da Canastra, em São Roque de Minas, Minas Gerais. Contudo, minha nascente está localizada no município de Medeiros, Minas Gerais.

Atravesso também o Estado da Bahia, fazendo sua divisa ao norte com Pernambuco, bem como faço a divisa natural dos Estados de Sergipe e Alagoas. Possuo vários rios afluentes em minha bacia hidrográfica, e são eles: Abaeté, das Velhas, Paraopeba, Jequitaí, Paracatu, Verde Grande, Urucuia, Carinhanha, Corrente e Grande. Por fim, deságua no Oceano Atlântico.

Eu tenho grande importância econômica para toda a região por onde passo. Sou via de transporte de mercadorias. Dentre os muitos produtos que navegam em embarcações pelo meu curso, estão o sal, o arroz, a soja, o açúcar, o cimento, a areia, produtos manufaturados, madeira e alguns minérios. Pequenas embarcações também navegam por minhas águas, carregando os pescados e a produção da agricultura camponesa dos povos que habitam minhas margens.

Tenho muitos peixes lindos, tais como cascudo, corvina, curimatá, dourado, matrinxã, pescada branca, piauí, pirá, piranha, traíra, e o famoso surubim, além dos outros animais que habitam as minhas águas. Ah! Os turistas também adoram navegar por mim e apreciar as muitas belezas das minhas margens, que deixam qualquer pessoa maravilhada.



A minha importância é tamanha que existe um projeto do governo federal fazendo a transposição de minha água para que ela possa atingir regiões que sofrem com a seca nordestina. Porém, estudiosos e entidades dos movimentos sociais questionam essa transposição, considerando que os agricultores camponeses vão ser prejudicados e que será o agronegócio, com seus grandes projetos, quem realmente vai lucrar com a transposição da minha valiosa água.

Outra coisa que me preocupa são os impactos ambientais e socioculturais. Minhas águas garantem a vida de uma vasta fauna e flora e não existe ainda uma política satisfatória para cuidar da preservação dessa natureza. Além disso, o canal da transposição desvia água de vários territórios onde habitam povos e comunidades tradicionais. É preciso respeitar essas pessoas e proteger seus modos de vida, com seus saberes e tradições.

Sei que sou importante para os milhares de ilheiros, barranqueiros, vazanteiros e pescadores que convivem comigo em minhas margens. Eles conhecem meus segredos, criam lendas sobre mim, muitos até me têm como mito, me temem e respeitam; sabem como sou importante para todos, sejam homens, mulheres, animais ou vegetais.

Mas, tenho estado preocupado...

Há pessoas que não me valorizam, só me vêem pensando no lucro que posso dar. Movidos pela ganância, sujam minhas lindas águas jogando nelas lixo, esgoto, metais poluentes e outros materiais e substâncias que matam meus peixes. Infelizmente, tem muita gente que lucra com minha agonia e já estou ficando fraco. Em alguns locais, estou ficando raso devido às toneladas de areias que descem para o meu leito por causa do desmatamento das minhas margens. Em outros locais, barram o curso natural de minhas águas para fazer grandes hidrelétricas. É quando os nativos das minhas beiras exclamam:

“o rio deixou de zuar!”



Mas sou o rio São Francisco, sou o Opará!

Com sua ajuda, vou resistir! Conto com vocês para ajudar em minha revitalização. Preciso de ajuda para preservar as matas ciliares das minhas margens. Precisamos impedir que joguem lixo, esgoto e poluentes dentro de mim. Precisamos preservar a vida dos povos ribeirinhos e dos animais que bebem e se banham em minhas águas.

Como sou “GIGANTE”, com sua ajuda vou continuar belo e zuando...

zuando...

zuando...

Eu sou Jequi

Eu sou o Rio Jequitinhonha. Meu nome vem do Tupi. É a junção de “Jequi” (armadilha artesanal de pesca) com “Onha” (peixe) e significa “no Jequi tem peixes”. Outra versão sobre meu nome, também de origem indígena, diz que seu significado é “rio largo e cheio de peixes”. Já fui conhecido como “Rio das Virgens”.

Tenho dois vizinhos: o Rio São Francisco, cujo nome já foi Opará, e o Rio Mucuri. Percorro 1.090 quilômetros da nascente, no município do Serro, Minas Gerais, até minha foz, na cidade de Belmonte, na Bahia. Faço uma jornada das montanhas de Minas até o mar. Deságua no Oceano Atlântico após atravessar o Vale do Jequitinhonha, que carrega meu nome e mede 70.315 km².

Uns dizem que sou muito rico, pois tenho diamante, ouro, prata, ferro e quartzo. Mas minha maior riqueza é o meu povo. As lavadeiras adoram lavar suas roupas em minhas águas, cantando lindas cantigas. Os canoeiros, nas remadas de suas canoas, carregam encantadoras histórias e causos que alimentam a alma do povo sertanejo do Vale. Os artesãos utilizam minhas terras argilosas de ótima qualidade para a fabricação de lindas bonecas, potes, panelas e outros objetos famosos por sua beleza e originalidade.

No início, só viviam índios no meu Vale. Depois chegaram os europeus, que trouxeram da África famílias negras para trabalhar na terra e na lavra das pedras preciosas que se encontravam em meu leito. Ao longo de minha existência, vi coisas que levaria séculos para contar. Alguns humanos fizeram e ainda fazem coisas que prejudicam a sustentabilidade do meu Vale: estragam meu leito com dragas, enchem-me de fezes, venenos e areias.

Nas últimas décadas, as minhas margens foram desmatadas e o meu leito assoreado. Com minhas águas fartas construíram a barragem mais alta do mundo, a Usina Hidrelétrica de Irapé, com 208 metros de altura. Disseram que ela traria fartura aos viventes do meu Vale, mas ainda não vimos isso acontecer.

Mas vou resistir! Enquanto houver um poeta para admirar-me e dizer que sou o espelho onde o sol e a lua vêm se mirar, enquanto houver quem me ame, vou resistir. **Vou resistir até minha última gota!**

RIO JEQUITINHONHA

Decanor Nunes dos Santos

Filho de Jequitinhonha, ribeirinho, educador popular.
Cáritas Diocesana Baixo Jequitinhonha.

Rio Jequitinhonha, duas palavras profundamente marcadas na memória e na história de vida de quem viveu e ainda vive às suas margens. Posso testemunhar porque também vivi, ainda vivo como ribeirinho.

A minha mãe, com seus 90 anos de vida, na cidadezinha com o mesmo nome desse vale – Jequitinhonha –, sabe bem pronunciar um sentimento vindo do coração, o significado de um rio com tanta força e energia. Disse recentemente dona Clarice:

“Sem esse rio não se pode viver! O melhor dessa região é o rio e se ele acabar, acaba o Vale do Jequitinhonha! Ele é quem dá vida! A maior força nossa é o rio e ele me ajudou criar meus 12 filhos! Fui lavadeira, lavava roupa nele, meus meninos pegaram peixe para comer, tiraram cascalho e areia para vender, fizeram lavoura em suas ilhas e margens!”

Para seu afilhado, também ribeirinho, Francisco – mais conhecido como Chico Batuqueiro e Canoeiro do Canto do Rio –, o Rio Jequitinhonha é um salvador:

“Existem muitas famílias que ele criou! Já pesquei nesse rio, traíra, cumatã, surubim, piabanha, bagre, cascudo, pegava camarão e pitú e aprendi, com os velhos canoeiros que desciam de Araçuaí, um monte de músicas que canto com alegria enquanto trabalho!”

Rubinho do Vale, cantor filho dessa terra, em sua canção Rio Encantado, recorda:

“esse rio não pode morrer, essa fonte não pode secar, esse fio de vida que resta é a fresta de luz pra nos iluminar, é um sonho de um povo tecendo esperança de matar toda sede e poder respirar!”.

Ah, Rio Jequitinhonha! Imagine você na sua originalidade, profundo, navegável, todo protegido por um manancial de flora e fauna, desde sua nascente. Rio que, se falasse, certamente diria:

“eu fui solidário à natureza e aos humanos – os da terra desse Vale e os de fora –, servindo como meio de transporte na navegação e disposição para o aguar das necessidades pelas vidas”.

Ah, Rio Jequitinhonha! Imagine você hoje, já bastante desgastado pelo tempo, raso, pouco navegável, desprotegido. Rio que, se falasse, possivelmente proclamaria:

“se eu estou banhado pelos esgotos das cidades, poluído pelos metais pesados do garimpo e das mineradoras, assoreado pelas erosões causadas pelas monoculturas plantadas e esvaziado pelas barragens, é porque falta solidariedade comigo e consciência sobre a importância da minha vitalidade para a convivência sustentável do povo do Vale do Jequitinhonha.

Mas eu sou o Rio Jequitinhonha. Sou Jequi! Rio que segue em frente para a vida. Sou um Rio de verdade, esperançoso e fértil, assim como a criatividade e coragem do meu povo. Com a ajuda desse povo, alegre e cantador, vou resistir! Conto com vocês para fortalecer nossa luta por minha vitalidade e sustentabilidade! Pois, como dizem os meus cantadores:

O Vale vale vida, verde, verso e viola!”

PESQUISAR PARA SABER MAIS

1. Qual a diferença entre a proposta de revitalização e a proposta de transposição do Rio São Francisco? Construa um quadro com os pontos positivos e negativos e analise com cuidado.
2. Quais os grandes problemas do Rio Jequitinhonha na atualidade?

PRODUÇÃO DE TEXTO

“A importância dos Rios São Francisco e Jequitinhonha para o Semiárido Mineiro”.

- Socialize com os colegas a sua redação e façam juntos um debate sobre as principais ideias de todos.

VOZ NAVEGANTE DO SEMIÁRIDO

Clebson Souza de Almeida
Poeta, Educador Popular. CAV/Turmalina.

Sou forte, sou caudaloso,
um herói desse sertão.
Prova disso é a importância
que tenho na região.

Só resolvo causa justa,
alimento a produção.
Sigo os rumos do meu povo,
essa é minha tradição.

Eu também sou conhecido,
do meu nome se faz lugar.
Sou fundo e sou comprido,
corro o Vale a abençoar.

Faço voto à minha gente
que em mim vem se banhar.
Tenho o ouro reluzente
da riqueza popular.

Eis aqui dois navegantes,
inspirados canceiros,
inundados na felicidade,
dois filhos, dois companheiros.

Embarcados em terra firme,
artesãos e violeiros,
orgulho do Semiárido,
de mineiros e brasileiros.

Prestem atenção, crianças,
no que os velhos vêm contar.
Criam peixes, criam homens,
águas turvas a rolar.
Banham vidas, banham sonhos,
até desaguar no mar.
Quem vos fala são guerreiros
do Jequi ao Opará.

DICA DE GEOGRAFIA

Procure no mapa de Minas Gerais as regiões Norte e Vale do Jequinhonha, que compõem o Semiárido Mineiro.

Localize os Rios São Francisco e Jequitinhonha.


Que tal desenhar este mapa bem colorido e com as águas dos rios bem azuis?

Vamos somar o número de municípios das duas regiões e saber quantos são?

TERRITÓRIO DA CRIATIVIDADE


ÍNDIOS DE TEMPOS

Cássio Alexandre da Silva
(Departamento de Geociências/UNIMONTES)



Índios de Tempos.
Vivem da Mãe-Terra,
Pacha Mama,
como os antigos Quíchuas.
Acreditam em seres imateriais
que habitam as florestas,
os rios e as montanhas.
Cultuam deuses como Tupã,
em Tupi-guarani.

Índios de Tempos.
Antigos como o Cerrado e
a Caatinga do Pleistoceno.
Desde as pinturas rupestres
pré-indígenas do Vale do Peruaçu.
De média de tempo de uns
12 mil anos, das lapas.



Índios de Tempos.
Das águas do São Francisco,
que cortam o Sertão; por aqui.
Das montanhas que as dividem
com o Jequiñonha, por lá.
Dos pequenos córregos que as banham.

Índios de Tempos.
Por aqui, a nação Xakriabá.
Por lá, Aranã, Maxakali, Pataxó Hã-Hã-Hãe
e Pankararú. Por todos, parentes.

Índios de Tempos.
Com vizinhos brancos desde 1500.
Novos rumos e moradas,
língua, religião, cultura e territorialidade.

Índios de Tempos.
De indígenas a caboclos, na etnia.
De nação aos povos, na língua.
De puros a impuros, na cultura.

Índios de Tempos.
Nas águas e na seca,
nas coletas e caçadas,
frutos e animais.
Na lida com a terra,
cultivos alimentares.

Índios de Tempos.
Do território livre ao aldeamento cativo.
Em terras de reservas ou
unidades de conservação.
Do rural para o urbano.

Índios de Tempos.
Da força dos Bandeirantes
para a missão religiosa,
aos grileiros, posseiros e fazendeiros.

Índios de Tempos.
Da cerâmica, dos bодоques,
dos arcos e das flechas,
das técnicas de coivara,
pouso e criação.
Há agricultura e pecuária
geneticamente modificada.

Índios de Tempos,
Resgate de língua, tradições e costumes.
Retomadas de terras e demarcações.
Resistências de convivência.

Índios de Tempos.
Na essência de viver,
na arte de saber,
no fazer, Toré!

Índios de Tempos...

MAIS CONHECIMENTOS

No Estado de Minas Gerais há, atualmente, quatorze etnias indígenas, em dezesseis territórios. São elas: Maxakali, Xakriabá, Krenak, Aranã, Mukuriñ, Pataxó, Pataxó Hã-hã-hãe, Catu-Awá-Arachás, Caxixó, Puris, Xukuru-Kariri, Pankararú, Tuxá e Kaxixó.

Antigos habitantes do Vale do São Francisco, os Xakriabá vivem no município de São João das Missões, Norte de Minas Gerais, com uma população de 2.500 famílias indígenas, que soma cerca de 8.500 índios. O povo Pataxó é originário do Sul da Bahia e, atualmente, há um grupo vivendo na aldeia Jundiba Cinta Vermelha, em Araçuaí, juntamente com uma família dos Pankararú. Alguns Aranã que viviam no Aldeamento de Itambacuri, migraram para o Vale do Jequitinhonha e passaram a trabalhar em fazendas da região.

No Semiárido Mineiro, há ainda índios da etnia Tuxá, que tiveram seu território reconhecido em 2010 em Buritizeiro e Pirapora, Norte de Minas, onde vivem hoje cerca de 500 indígenas. Os Maxakali saíram de seu histórico território no Vale do Jequitinhonha e foram para terras reconhecidas no Vale do Mucuri, onde vivem atualmente: Santa Helena de Minas, Teófilo Otoni, Bertópolis e Ladainha.

Os povos indígenas têm direito a uma educação própria, garantida pelas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Indígena na Educação Básica, de 22 de junho de 2012. (Fonte: cedefes.org.br e anai.org.br/povos_mg.asp)

PESQUISAR PARA SABER MAIS

Em que município vivem os povos indígenas do Semiárido Mineiro?
Como é o seu modo de vida? Por quais dificuldades passam atualmente?
Como têm se organizado para lutar por seus direitos?
Quais as importantes contribuições dos índios em nossa cultura?



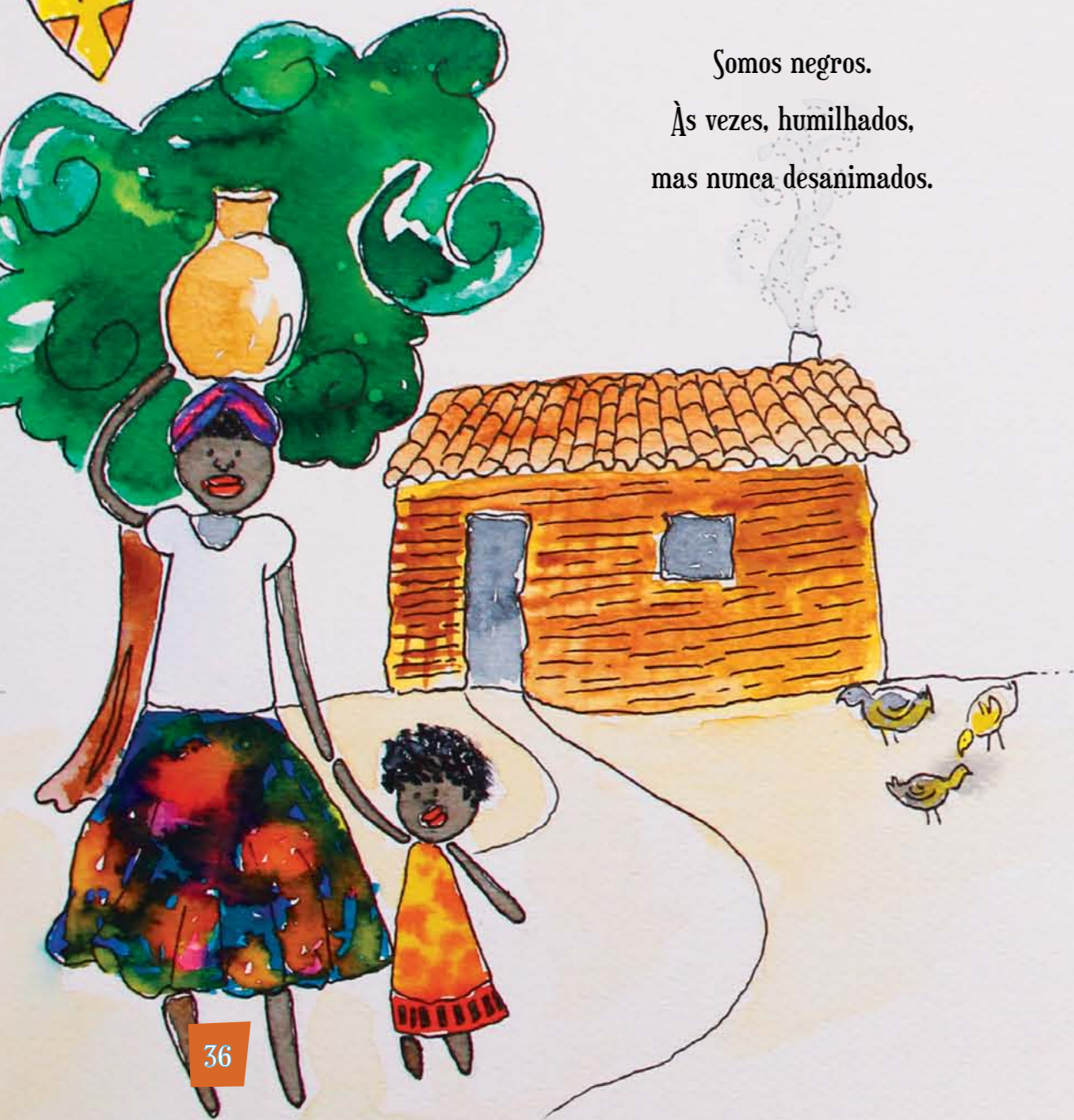
TERRITÓRIO DA CRIATIVIDADE

GENTE QUE É GENTE

Maria José Ramos
(Comunidade Quilombola Buriti do Meio, São Francisco)

Terra do pote.
Terra da sorte.
Nascemos fortes.

Somos negros.
Às vezes, humilhados,
mas nunca desanimados.



Gente que encanta
com suas alegrias,
artesanato, música e dança,
que vive com esperança.

Barro amassado
pelas mãos sofridas.
Gente que segue em frente,
com a cabeça erguida.

Rezas, ladainhas,
brincadeiras de roda,
comidas típicas.
Tudo fica um mar
de rosas.



QUILOMBOLAS

Nós, os Quilombolas, remanescentes dos Quilombos, temos nossa origem na África, que é um continente de muitas nações. Fomos trazidos para o continente americano, homens, mulheres e crianças das nações Mina, Cabinda, Moçambique, Benguela, Hauçá, Congo, Cassange e Angola, dentre outros povos negros da África.

Nossos antepassados já vieram para cá como escravos, para trabalhar nas fazendas, nos engenhos, nas minas, no campo ou na cidade. Os senhores apartavam famílias e nenhum dos nossos sabia para onde seriam levados. Em solos americanos, desembarcávamos enfraquecidos, doentes e desnutridos. Cerca de 100 milhões de africanos foram arrancados de suas terras à força, perdendo o poder de serem donos de seus próprios destinos.

Nós, os povos negros no Brasil, em nosso árduo trabalho na condição de escravos, revelávamos a sabedoria dos antigos que aprendemos em nossa vida na África. Falávamos várias línguas e dialetos africanos e mostrávamos nossa arte com grande vigor. Durante o trabalho pesado, de mais de quinze horas por dia, entoávamos cantos, de diferentes nações africanas, misturando-os com palavras de cantigas portuguesas. Construíamos de tudo: casas, engenhos, igrejas, conventos e presídios. Mas nossa condição de vida era muito cruel.


Era difícil preservar nossos hábitos e costumes, pois, assim que chegávamos às novas terras, éramos batizados com nomes europeus e obrigados a nos converter à religião católica. Para não esquecermos as lembranças da África e para preservarmos nossos saberes e nossa espiritualidade, cultuávamos os orixás com nomes de santos católicos e fazíamos nossos rituais religiosos nos dias das festas dos santos da igreja.

Os quilombos nasceram de nosso desejo de liberdade. Alguns de nós, que conseguiram fugir da escravidão, criaram comunidades livres pelo interior do Brasil. Nelas, podíamos ser donos de nós mesmos. Negros livres e trabalhadores. Também compramos terras rejeitadas por índios e portugueses devido a malária ou às condições íngremes e inacessíveis do terreno. Nessas comunidades fortemente organizadas em torno de relações familiares, chegaram muitos outros negros fugidos e livres para constituírem sociedades, tal como a do Quilombo dos Palmares.

Ao som de tambores manifestamos nossas raízes culturais africanas. Nos identificamos por todo o país por meio da música e de danças tais como batuque, dança do carneiro, dança da coruja, lundum, catopês, folia-de-reis, congado, reisado, marujada, sapateado, jongo, tambor de mina, tambor de crioula, bumba-meu-boi, umbigada, moçambique, capoeira, maculelê e muitas outras.



Muitos quilombos foram criados no Semiárido Mineiro. Viemos de diversas regiões do país, incluindo a Bahia e outros Estados que circundam o rio São Francisco. Muitos de nós vieram de cidades mineradoras de ouro nas serras de Minas Gerais. Fugimos em busca de uma vida melhor para nossas famílias. Gente descendente de muitas nações africanas.



Hoje, no sertão mineiro e em todo o Brasil, somos os Quilombolas. Plantamos o nosso sustento e criamos vacas, cabritos, porcos, carneiros e galinhas. Somos marcados por nossa raiz cultural. Utilizamos a espiritualidade e a sabedoria das benzedadeiras, empregando seus saberes tradicionais nos partos e nas curas de enfermidades.

Nossa compreensão do mundo, de herança espiritual africana, vem sendo tratada como lenda, mito e causos folclóricos. Mas não é assim. Acreditamos que há seres sobrenaturais que habitam as águas, matas, cavernas e o céu e que interagem com homens, mulheres e crianças. Atualmente, nossas festas religiosas incluem as de Nossa Senhora do Rosário, de São Benedito, a Festa do Divino e muitas outras.

Ainda hoje sofremos forte discriminação religiosa. Isso não pode continuar! É preciso respeitar as diferenças. A sociedade deve respeitar nossa forma de ver o mundo, nossa religião e a história Quilombola no Brasil, que construímos com a nossa cultura e os nossos saberes tradicionais. Viva a Diversidade!

MELHORANDO O NOSSO VOCABULÁRIO PESQUISANDO NO DICIONÁRIO:

. Antepassado:

. Remanescente:

. Continente:

. Dialeto:

. Orixá:

. Engenho:

. Íngreme:

MAIS CONHECIMENTOS

Minas Gerais tem aproximadamente **400** comunidades quilombolas distribuídas em **155** municípios. As regiões do Estado com maior concentração dessas comunidades são Norte e Nordeste, com destaque, nesta última, para o Vale do Jequitinhonha. No ano de **2004**, elas criaram a N'Golo, a Federação das Comunidades Quilombolas do Estado de Minas Gerais. Até junho de **2007**, uma única comunidade em Minas Gerais havia conseguido a titulação de suas terras: Porto Corís.

Atendendo às reivindicações dos quilombolas, a Superintendência do INCRA, em Minas Gerais, abriu diversos processos para a titulação de terras de quilombo. Em maio de **2007**, estavam em tramitação **67** processos. No entanto, **61** deles haviam recebido apenas um número de protocolo, ou seja, nenhuma medida efetiva havia sido tomada pelo governo no sentido de encaminhar a regularização daqueles territórios. Em Minas Gerais, a luta pela terra quilombola apresenta-se imbricada na luta pelo acesso à água e pela preservação do meio ambiente, pois enfrentar a seca, os grandes projetos de desenvolvimento (principalmente de hidrelétricas e de mineração) e as monoculturas de eucalipto.

(Fonte: www.cedefes.org.br)

PESQUISAR PARA SABER MAIS

. Na sua região há comunidades quilombolas? O território dessas comunidades já é reconhecido? Como eles se organizam? Quais as suas características culturais (seu modo de vida, sua religiosidade, suas festas)?

TERRITÓRIO DA CRIATIVIDADE



VAZANTEIROS

Vivemos nas margens e ilhas dos grandes rios do Semiárido Mineiro; trabalhamos com agricultura, pesca, criação animal e extrativismo.

Chamam-nos de Vazanteiro... Ilheiro... Barranqueiro.

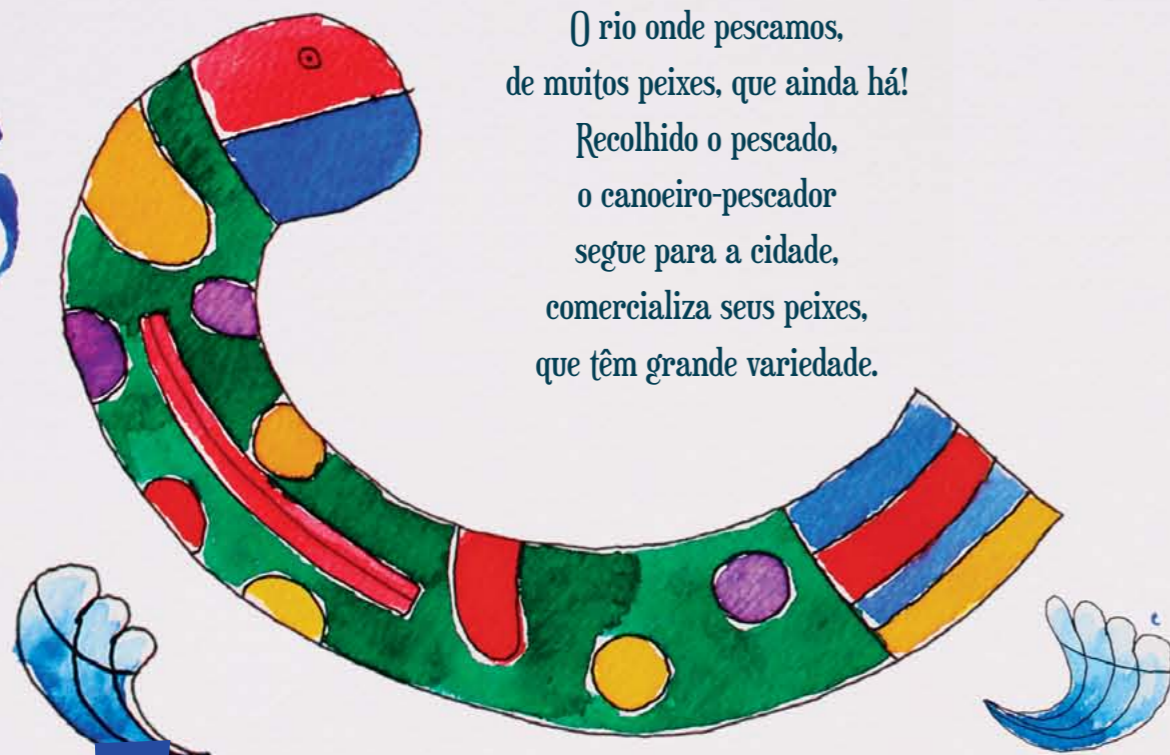
Temos múltiplas identidades,
somos também Pescadores.

No período da vazante,
utilizamos a canoa para ir até as ilhas formadas no grande rio.
Plantamos feijão, milho e melancia. Estes são alguns dos nossos plantios,
de tudo, um pouco; o muito que a terra dá!

Em tempo de colheita, a canoa é utilizada
para levar a produção aos mercados e às feiras.

Usamos a canoa para levar
as ferramentas de trabalho até os pesqueiros.

O rio onde pescamos,
de muitos peixes, que ainda há!
Recolhido o pescado,
o canoeiro-pescador
segue para a cidade,
comercializa seus peixes,
que têm grande variedade.



Pescamos peixes para comer
e também para vender.

Tem peixe pequeno e tem peixe grande,
que garantem o nosso sustento.

São eles: dourado, pirá, curimatá-pacu,
matrinchã e o famoso surubim,
que de todos é o mais suculento...

Nós, vazanteiros, temos nossas histórias
contadas pelos antigos, de geração em geração.

Uma delas é que tudo que tem no seco,
tem dentro d'água.

Tem cavalo, galinha e tatu.

Temos muita imaginação.

Acreditamos que os bichos que vivem na terra,
seja cachorro, boi, cavalo ou porco,
habitam também as profundezas do rio.

Que beleza!

Tem cachorrinho d'água, boi d'água,
cavalo d'água, porco d'água...

Meu Deus, mas que tanta fartura!



Mas nós temos problemas:
as margens dos rios onde moramos,
dos anos, as centenas.

Diz o governo que ele é o dono,
mas os fazendeiros tomaram conta,
destruindo as matas e secando as lagoas.

O esgoto contaminando as águas,
veneno que não é à toa!

E tudo isto tem nos colocado
em profundo abandono,
mas estamos todos lutando com muito jeito,
pois sabemos que temos nossos direitos.

Somos agricultores e pescadores,
portanto, trabalhadores.
Vamos continuar acreditando,
que o rio vai nos guiando,

que não vai nos deixar faltar
FORÇA E FÉ,
que precisamos muito para

LUTAR.

E isto que contamos aqui,
não foi na escola que aprendemos.

São histórias contadas de pai para filha.

Vividas na terra e na ilha.
Foi com as vivências deste lugar,
donde temos orgulho de morar.

RODA DE CONVERSA

Como será viver à beira de um grande rio, conversando com o rio, acreditando que ele é um ser vivo e amigo que dá o alimento e a vida para você e seus filhos?

Após a roda de conversa, cada um pode escrever uma produção de texto contando o que aprendeu. Se quiser, pode ilustrar sua produção escrita para que fique mais bonita!

PESQUISAR PARA SABER MAIS

Nos últimos anos, quais direitos os pescadores dos grandes rios adquiriram para garantir sua sobrevivência no tempo da piracema?

VOCABULÁRIO

O que é piracema? O que é pesqueiro?



TERRITÓRIO DA CRIATIVIDADE





GERAIZEIROS

Somos conhecidos como Geraizeiros porque vivemos nos Gerais. Gerais é o nome dado ao Cerrado, ecossistema que se estende pelo sertão das Gerais, juntamente com a Caatinga, que integra o Semiárido Mineiro. Durante séculos, nós, Geraizeiros, aprendemos e desenvolvemos, com os portugueses, os índios e os negros, diversas estratégias de convivência com o Cerrado.

O Cerrado é composto por planaltos, encostas, vales e solos, normalmente, ácidos e de baixa fertilidade natural. Contudo, apresenta muita diversidade. Dele coletamos frutos, cascas, raízes, resinas e folhas para o uso alimentar e medicinal de nossas populações e dos animais que criamos. Extraímos madeiras para construções, além de fibras e lenha para produção de farinha e rapadura.

Os frutos mais conhecidos do Cerrado são o pequi, a cagaita, o murici, o araçá, o jatobá e o panã. Temos ainda uma vasta variedade de cocos, como o coquinho azedo, o macaúba, o gariroba, o buriti e muitos outros. As plantas medicinais são uma grande riqueza dos Gerais. São bastante conhecidas a unha d'anta, o angico, o pau d'óleo, os ipês, o rufão e a sucupira.

Para nosso sustento, aprendemos a cultivar diversos tipos de mandioca, feijões, milhos, batatas, amendoim, arroz, cana, além da criação de muitas espécies de animais. Somos conhecidos como populações extrativistas ou agroextrativistas. Isto é, vivemos da agricultura e da coleta das riquezas que o Cerrado nos dá. E o mais importante de tudo é que dos Gerais nascem as águas, que vão formar os principais rios brasileiros.

Celebramos a vida comunitária com a saudação dos santos padroeiros e santos devotos, por meio dos festejos, rezas, batismos de fogueira, folias

e cantorias. Prezamos demais os nascimentos e os casamentos e reverenciamos, com pesar, a morte. Aqui, damos muito valor à religiosidade, à cultura e às normas de conduta.

Geraizeiros...

Em outros lugares nos chamam de Geralistas... Chapadeiros... Veredeiros! Vivemos no Semiárido Mineiro. Também lutamos por nosso território, assim como o fazem os caatingueiros, indígenas, quilombolas e vazanteiros. Somos agricultores camponeses. Nos posicionamos contra a monocultura, seja do eucalipto, do capim, da soja ou do café. Essa prática já devastou milhares de hectares do nosso querido Cerrado e também da Caatinga.

O desmatamento do Cerrado destruiu muitas árvores de madeira, pés de pequi, de murici, cagaita e a flora medicinal, além de fazer secar tantos rios e riachos do nosso Semiárido Mineiro. Algumas regiões estão se transformando em desertos. A terra está ficando seca, cheia de erosões, e não se pode mais plantar.

Mas estamos lutando, retomando e zelando por nosso território, para garantir o nosso futuro e de tantas outras gentes que vivem nas cidades e que dependem também das águas do Cerrado e da alimentação sadia que fornecemos.

VOZ DO GERAIZEIRO

Custódio Alves do Carmo
(Educador Popular, Poeta, Assentamento Tapera,
Riacho dos Machados)

Meus cumprimentos
meus senhores.
Sempre fui cumprimentado
como implicante e ignorante,
Então, agora, me fala
por que estou morando aqui,
na beira da fonte?

O segredo eu não falo.
Também não
vai adiantar.
Porque não
aprendi
na escola,
foi com
o jeito
do lugar.

E com o jeito do lugar
o senhor não vai conseguir,
porque a gente aprende
com a diversidade
que vive por aqui.

Agora, o senhor vem ver,
aqui, onde eu aprendi.

A sala foi esta sombra
e o professor
foi este pé de pequi.

Aprendemos a lutar
por nosso território
e nossos companheiros.
Somos todos irmãos na luta.
Nós somos os GERAIZEIROS.

PESQUISAR PARA SABER MAIS

Entrar no site www.redecerrado.org.br,
ler diversas informações no site e escolher um
assunto para estudar e apresentar em sua turma.

CONSTRUINDO UM PORTFÓLIO

O que é um portfólio?
É a coleção das atividades desenvolvidas no estudo de um tema.

TEMA: plantas do Cerrado e sua utilização pelas
populações Geraizeiras.

TERRITÓRIO DA CRIATIVIDADE



CAATINGUEIROS

O Caatingueiro é também um povo do Semiárido Mineiro. É um povo festeiro, que folia no mês de janeiro, festeja o mês de junho: São João, São Pedro e também Santo Antônio, que é santo casamenteiro.

Tem no umbuzeiro um aliado certo, e tem casa de cumieira alta. Aprendeu a vencer as dificuldades, quando, parte do ano, a bendita água falta.

A Caatinga é assim: um pouco rasteira, mas também vegetação alta. No janeiro, está verde; daqui a pouco,

do verde sentimos falta. Em pouco tempo, a natureza começa a amadurecer. Em setembro, cai tudo, fica tudo sequinho de doer! A terra é fértil; e nela, nós caatingueiros, podemos plantar que tudo dá! Tem lugares com pedras, tem região plana e região morrada. Mas aqui é o nosso lugar!

Nós, caatingueiros, trabalhamos de forma diversificada: plantamos feijão, milho, sorgo e também algodão. Da Caatinga colhemos fibras, umbu, pitomba, jatobá, cagaita, jaca, outras plantas tem por lá. Das frutas que gostamos, tais como abacaxi, acerola, manga e banana, nós temos plantações.

Também aprendemos a lidar com todos os animais, porco, gado, galinha, pois cuidamos das pastagens nativas do Semiárido. Produzimos muito leite e, com ele, fazemos queijo, requeijão e também o saboroso doce de leite. O caatingueiro compra do geraizeiro pequi, farinha, goma, café, arroz, rapadura, cachaça, muitas frutas, raízes e plantas medicinais, dentre outros produtos dos Gerais.

Nossa terra tem sido ocupada com grandes projetos de irrigação, com a monocultura do algodão e do eucalipto, com grandes fazendas de gado. Tem gente que chama isto de “progresso”, mas, para nós, estão acabando com a nossa cultura tradicional.

Não aceitamos cativo. Lutamos, resistimos e nos organizamos. Queremos ser respeitados pela nossa tradição, pelas nossas crenças e nossos saberes tradicionais. É o que pedimos em nossa oração.

VOCABULÁRIO

- . Caatinga:
- . Cumieira:
- . Monocultura:
- . Cativeiro:

AGRICULTURA CAMPONESA AGROECOLÓGICA NO SEMIÁRIDO MINEIRO

Oi, pessoal!

Eu sou Francisquinha do Seu Tenório e meu amiguinho aqui é o Toinho de Dona Ziza.

Estamos aqui para falar de pessoas muito importantes. Vamos falar sobre os **AGRICULTORES CAMPONESES**.

Vamos conversar sobre este modelo de agricultura e seu valor econômico, falando de sua importância para a natureza e para a vida comunitária no Semiárido Mineiro.



A agricultura camponesa agroecológica é um modo de conviver com a terra, com a água, valorizando os recursos naturais de cada ecossistema, sendo mais do que um modo de produção agrícola. É desenvolvida em uma base familiar e comunitária principalmente para a produção de alimentos saudáveis, numa perspectiva agroecológica.

A agroecologia é a forma de produzir alimentos respeitando o meio ambiente e o bem-estar das pessoas, sem utilizar veneno ou produtos químicos e sintéticos, buscando sempre o equilíbrio da natureza.

Quando falamos de agroecologia e convivência com o Semiárido Mineiro, nós, agricultores e agricultoras, somos considerados os guardiões da biodiversidade natural e sociocultural.



Outra coisa muito importante de se saber é que a produção da agricultura camponesa tem grande diversidade de produtos e é responsável por **70%** dos alimentos que chegam à mesa dos brasileiros. Dentre esses alimentos, estão o feijão, o arroz, a mandioca, vários tipos de milho e hortaliças.

Além disso, criamos galinha, porco, cabrito e outros bichos e abastecemos a sociedade com produtos de origem animal, tal como o conhecido ovo caipira.



Pedrinho, você sabia que existem vários exemplos de prática agroecológica? Tem a captação e o armazenamento da água da chuva em cisternas para o consumo humano e para a produção; o armazenamento de sementes nativas em embalagens recicladas; a criação diversificada de animais domésticos; a produção em viveiros de mudas de plantas nativas; a produção e o uso de adubo orgânico; o uso da tecnologia do plantio consorciado nas mandalas; e a agrofloresta.

Nós produzimos alimentos saudáveis para o nosso consumo e também vendemos para as famílias das cidades e nas feiras livres e agroecológicas. Somos, ao mesmo tempo, unidade de produção e de consumo. Produzimos para nossa subsistência e para comercialização e temos autonomia para decidir quando e o que plantar em nossa terra.



Nossa!
Que legal,
Joaninha!



Aqui, o que mais se produz é feijão, milho, mandioca, café, abóbora e arroz. São muitas culturas, mas também trabalhamos com criação de peixes, conhecida como piscicultura, e ainda há quem se arrisque na pecuária.

Tem gente invadindo nossa área, pois até a água que usamos para matar a sede dos animais tem que ser paga, tornando a atividade muito cara. Mas, apesar das dificuldades, nós não desanimamos!

Nossa maior alegria é poder levar nossos produtos agroecológicos para as feiras livres e alimentar os nossos companheiros da cidade com alimentos sem veneno, naturais e saudáveis.

Também damos muito valor à religiosidade, à cultura e à boa conduta. Participamos dos cultos religiosos e sempre nos organizamos em prol da melhoria da comunidade e de nossas igrejas. Para o lazer e a diversão, promovemos festas religiosas e de confraternização, como as festas juninas e as cavalgadas, nas quais celebramos com muita alegria a chegada e o encontro dos parentes e amigos.



Queremos ser respeitados e valorizados. Temos um jeito próprio de viver e consideramos uma grande riqueza nossos costumes e a sabedoria herdada de nossos antepassados.

Acreditamos que temos que desenvolver a qualidade de vida no campo, para evitar o êxodo rural e o inchaço das cidades.

Os agricultores camponeses agroecológicos do Semiárido Mineiro não consideram somente o desenvolvimento econômico, mas, sobretudo, o desenvolvimento social, tanto no campo quanto na cidade. Além disso, preservam o meio ambiente natural e a cultura tradicional.

Aqui vão mais algumas dicas sobre a agricultura camponesa para você pesquisar, aprender mais e enriquecer o seu vocabulário.

Vamos estudar?



PESQUISAR PARA SABER MAIS

- . Elabore uma entrevista com agricultoras e agricultores camponeses para saber sobre seu modo de produção, onde vendem seus produtos e quais são as suas dificuldades em relação à produção.
- . Pesquise sobre as políticas públicas que envolvem a agricultura camponesa, bem como homens, mulheres e jovens agricultores.

VOCABULÁRIO

- O que é biodiversidade?
- O que é agroecologia?

O RESTANTE QUE NOS RESTA

Faustina Lopes da Silva
(Poeta, Agricultora da Comunidade Buriti, Turmalina - MG)

Isso não é um desabafo
São rimas do que vivemos
Sofremos grande injustiça
Por causa das grandes empresas
E ainda estamos sofrendo

Eu digo eucalipto
Monocultura de nossa região
Às vezes gerou emprego
Que dá pro arroz e o feijão
Mas olhando por outro lado
Uma grande destruição

Quando se fala de reflorestamento
Eucalipto não devia ser
Ainda, tão próximo às nascentes
Assoreando os córregos
Como chegou a acontecer

É pena que na política
Isso não tem sido prioridade
Pois quem sofre são os roceiros
Os acordos são feitos por lá
Todos moram na cidade

Quantas árvores frutíferas
Foram tombadas no chão!
Era meio de sobrevivência
Não só para os animais
Como também para o povo
Que vive na região

Quando chegou a empresa
Deixaram a agricultura
Para viver de salário
Que raramente se aposenta
Quando vê que não aguenta
Volta ao trabalho primário

Eu, como trabalhadora,
Mãe, cidadã
Fico sempre a pensar...
Que será do agricultor
Em meio a tanto descaso
Se ele não se organizar?

O dinheiro hoje é que vale
A vida não é pensada
Pelo lucro de alguém
O pouco de água que temos
Ainda, é contaminada

Eu me pergunto agora
E não consigo entender
Pra onde vai tanto lucro
Causado do prejuízo
Que dificultou nosso viver

É hora de enxergarmos
Analisar o passado
Pro erro não continuar
Ver o que pode ser feito
O que já fez não tem jeito
Mas pode amenizar



A LUTA PELA TERRA

Durante milhares de anos, homens, mulheres e crianças viveram em comunidades. A terra e todos os bens naturais eram apropriados e manejados coletivamente. Não havia propriedade individual. Com o tempo, as comunidades foram crescendo, tiveram que dividir as tarefas: era preciso cada vez mais alimentos para sustentar tanta gente nos campos e nas cidades.

Os primeiros indícios da atividade de agricultura na História humana foram registrados na Mesopotâmia, Oriente Médio, entre o rio Tigre e o rio Eufrates, região que se beneficiava das constantes cheias dos rios, tornando o seu solo fértil e propício para a agricultura e a pecuária. Como resultado do aumento da produção, veio o comércio e a troca dos excedentes entre as comunidades. A vida comunitária tradicional foi deixando de existir e as famílias começaram a erguer cercas para impedir que todos pudessem utilizar a terra. Assim, surgiu a propriedade privada.

No Brasil, os povos indígenas viviam, e muitos ainda vivem, em comunidades. Há pouco mais de 500 anos, com a chegada dos portugueses, estabeleceu-se a colonização para a exploração. O território brasileiro foi dividido em fatias chamadas Capitânicas Hereditárias. Os donatários, representantes de Portugal no Brasil, entregaram uma parcela destas terras a pessoas de posses, criando as Sesmarias. Estávamos, então, no período do Brasil Colônia.

Em 1822, início do Brasil Império, parte das terras já estava repartida, além das terras ainda habitadas pelos índios. Entretanto, ainda não havia um mercado de terras no país. Isto é, não havia a propriedade privada, as terras pertenciam ao Estado Imperial. Havia, por todo o país, enormes latifúndios comandados pelos Senhores de Terra. Os camponeses trabalhavam nas terras ocupadas

por estes Senhores, como seus agregados dependentes, como meeiros etc. O sistema de agregação camponesa fez com que muitos se tornassem posseiros, ocupando terras que pertenciam, e muitas ainda pertencem, ao Estado brasileiro.

Em 1850, o governo imperial decretou a Lei de Terras. Esta lei, ao definir o acesso à terra somente pela compra, restringiu o direito de posse da terra. Os escravos, os brasileiros pobres, os posseiros e os imigrantes não possuíam recursos para a compra da terra, assim, passaram a se constituir como mão de obra para servir ao latifúndio.

Após a promulgação dessa Lei, ao longo de todo o século XX, e também nos dias atuais, muitos movimentos de luta pela terra e pela justiça social tornaram-se bastante conhecidos. Dentre eles, destacamos a Guerra de Canudos, na Bahia, liderada por Antônio Conselheiro, e a do Contestado, que se deu entre os Estados do Paraná e Santa Catarina, onde surgiu o movimento camponês liderado pelo monge José Maria.

No início da década de 1950, no Estado de Pernambuco, o movimento liderado por Francisco Julião ficou conhecido como a Liga Camponesa da Galileia. Em pouco tempo, foram formadas outras ligas camponesas em mais de trinta municípios. Nesse período, consolidou-se entre os agricultores camponeses, a consciência de luta pela Reforma Agrária no Brasil.

No Semiárido Mineiro, ocorreram várias lutas por terra. Muitos agricultores e líderes de movimentos deram suas vidas em defesa da Reforma Agrária. Dentre eles, podemos destacar o agricultor Eloy Ferreira, assassinado por fazendeiros no município de São Francisco. Ainda hoje, os mandantes desse crime não responderam na justiça. Outro exemplo é a chacina de Felisburgo, na qual trabalhadores foram covardemente assassinados, marcando com sangue a luta por terra no assentamento Terra Prometida.

Nós, os Sem Terra, acampados e assentados no Semiárido Mineiro, somos agricultores camponeses.

Continuaremos a lutar pela terra, pois, como vimos, historicamente, a terra pertencia aos índios e agora as comunidades agricultoras devem ter o direito de nela produzir e viver.

Além disso, é muito importante melhorarmos as condições de vida do homem, da mulher e das crianças que vivem no campo, pois queremos produzir alimentos de forma saudável, cuidando das nossas famílias, da comunidade e sempre preservando o ambiente natural.

Muitos de nós já têm a posse da terra, mas ainda não contam com qualidade de vida nos assentamentos rurais. Nossa vida não tem sido fácil, pois, hoje, devido à intensa competitividade capitalista, não conseguimos mais cuidar da terra e produzir sem o incentivo do Estado.

Para que possamos aumentar a produção de alimentos saudáveis em nosso país, nós, os Sem Terra, acampados ou assentados, precisamos do apoio adequado do Estado e da Sociedade Civil. Precisamos ser tratados, verdadeiramente, como cidadãos brasileiros.

SENHORES (produção coletiva)

Senhores que não conhecem
O Semiárido Mineiro
Prestem atenção na história
Que é toda verdadeira

Vou falar de uma luta
Dos nossos próprios irmãos

A história de um povo
Que não tem condição
De ter uma casa boa
Nem um pedaço de chão

É a luta dos Sem Terra
Um povo trabalhador
Que enfrenta desafios
Na esperança de vencer

Um povo perseverante
que sempre foi prejudicado
E hoje constrói barraco
Não é mercado imobiliário
É apenas para morar

Do mundo vive afastado
Sofrendo maior desprezo


Por isto se organizam
E fazem manifestação
Cansaram de serem escravos
E denunciam o patrão

Este povo não tem medo
De pegar no cabo de enxada
Para produzir alimento
E sustentar a companheirada

Produz de tudo um pouco
Milho, arroz e feijão
Verduras e hortaliças
E frutas de montão

E não vende para o estrangeiro
Como faz o latifundiário barão
Fica aqui mesmo, para alimentar
Nossa querida região

Esta terra que ocupamos
A Deus ela pertence
Porque Deus criou a terra
Para a nossa sobrevivência



Mas a ganância de muitos
É que causa essa violência

Por isto, caros colegas,
Conversem com seus vizinhos

PARTILHEM

com todos eles
Nos encontros dos caminhos

Deem solução ao problema
Das dores e dos pesadelos
Porque se todos se

UNIREM

Quando os problemas surgirem
Será mais fácil resolvê-los

MAIS CONHECIMENTOS

De acordo com dados levantados por meio da Pesquisa Sobre a Qualidade de Vida, Produção e Renda dos Assentamentos da Reforma Agrária, publicada em dezembro de 2010 pelo MDA/INCRA:

- . 70% das moradias dos assentados possuem mais de 5 cômodos.
 - . 76% das famílias de assentados possuem, em seus lotes, energia elétrica e algum tipo de tratamento de dejetos.
 - . 79% das famílias afirmam não ter acesso suficiente a água. A maioria dessas famílias encontra-se no Nordeste (35%), região que a pesquisa indica como prioridade na solução da questão da água.
 - . 57% das famílias informaram descontentamento com a condição das estradas e vias que dão acesso aos seus lotes. As famílias mais descontentes estão no Norte (65%) e no Nordeste (64%), regiões onde as condições ambientais são difíceis e as parcerias institucionais com municípios são mais restritas.
 - . Cerca de 84% dos assentados da Reforma Agrária são alfabetizados. A pesquisa revelou que o principal problema está nos ensinos médio e superior, aos quais menos de 10% dessa população tem acesso.
 - . 56% das famílias estão descontentes com o acesso a hospitais e postos de saúde, confirmando o desafio da universalização da saúde, especialmente no meio rural e nas regiões Norte e Nordeste.
- (Fonte: www.incra.gov.br)

RODA DE CONVERSA

- . Você conhece algum assentamento de Reforma Agrária?
- . Como está a condição de vida e produção nesse lugar?
- . Após a roda de conversa, vamos fazer uma produção de texto coletiva. Se quiser, pode ilustrar sua produção escrita para que fique mais bonita!

TERRITÓRIO DA CRIATIVIDADE

HISTÓRIA DA AGRICULTURA

Oscarino Aguiar Cordeiro

(Poeta, Educador Popular, Comunidade Caatingueira da Lagoa, Serranópolis)

Companheiros de caminhada
Uma história eu vou contar
Daqui, do Norte de Minas
Vocês vão acompanhar
Como era a nossa terra
E os costumes do lugar

Era terra de cultura
Também de muito valor
Só vivia nesta terra
Homem sério e trabalhador
Não pensavam que um dia
Viesses a sofrer tanta dor

Tinham, nas Caatingas e nos Cerrados
Frutas para a gente comer
Umbu, cagaita e pequi
E muitas, a gente podia ver
Alimentavam as pessoas
E dava para o peixe viver

Em nossos rios havia
Peixes de todos os jeitos
Traíra, matrinxão e dourados
Assim como Deus tinha feito
Pescadores alimentavam as famílias
E por todos tinham respeito

As árvores de nossa terra
Eram de se encantar
Cedro, tamboril, imburana
Pau d'arco, canafístula e jatobá
Somente por necessidade
Podiam uma delas derrubar

Por isto vivia o povo
Respirando o ar puro
Não tinha poluição
O tempo era seguro
Chovia na época certa
Não havendo tempo duro

Chegou à nossa região
Um tal desenvolvimento
Vindo lá do estrangeiro
Trazido por um grupo de gente
Que vivia só explorando
E não falava claramente

Diziam que aqui estava
Esquecido e atrasado
O povo era preguiçoso
Simples e mal-educado
Que o nosso país precisava
De homens mais avançados

Derrubando nossas matas
Caatingas e também Cerrados
Até nas margens dos rios
Eles faziam roçados
Transformando tudo em carvão
Tendo fornos para todos os lados

Chegaram às nossas cidades
As empresas para atender
Os homens precisavam plantar
Cuidar da roças e colher
A lavoura que o pobre cuidava
Precisavam os técnicos de ver

Na lavoura daquela gente
Tinha até financiamento
O pequeno ia ao banco
Fazer seu cadastramento
Para receber o dinheiro
E tocar o progresso para frente

Contratavam os diaristas
Para fazer todas as limpezas
Derrubavam as árvores
Desrespeitando a natureza
Visando só aos seus bolsos
Para ter grande riqueza

Tombavam a terra com trator
Matando a sementeira
Fazendo do solo fértil
Uma grande impureza
Compactando o terreno
Virando tudo poeira

Para colher um bom produto
Precisava de muito cuidado
Batendo veneno forte
Toda semana, mercado
Não sabendo que o seu sangue
Estava ficando intoxicado

Com este tipo de coisa
O nosso povo muito perdeu
A nossa cultura e os costumes
E nada se resolveu
Com este tal desenvolvimento
Muitos companheiros já morreram

DESAFIO: VAMOS FAZER POESIA?

Cada um escolhe um dos temas estudados e escreve uma poesia bem legal!

Ao longo de todo o livro, há várias poesias sobre o Semiárido, os índios, a agricultura camponesa etc. Com isso, você pode ver que não é difícil escrever poemas. Basta soltar a imaginação! Vamos lá?

Que tal terminar os estudos do nosso livro com um Varal de Poesias?
É só fazer o varal e programar a festa!

TERRITÓRIO DA CRIATIVIDADE



CONVERSA ENTRE EDUCADORES

CARA EDUCADORA E CARO EDUCADOR.

Conversaremos agora sobre algumas reflexões que o nosso fazer pedagógico deve contemplar. Este livro tem como objetivo o conhecimento e a divulgação do Semiárido Mineiro em sua diversidade sociocultural e natural, através da identificação dos aspectos étnicos, culturais, sociais, histórico-geográficos, produtivo-econômicos, políticos e educacionais.

A seguir, faremos breves, mas significativas, reflexões teóricas sobre a Educação Contextualizada e a Educação do Campo. Também será apresentada uma proposta de trabalho (Projeto Pedagógico Temático), como sugestão para o desenvolvimento de uma prática pedagógica que considere e respeite a realidade do Semiárido Mineiro.

Conheceremos, primeiramente, três marcos legais da educação brasileira que foram conquistados historicamente pela sociedade através de movimentos sociais e organizações não governamentais em parceria com universidades e organizações governamentais.

1. CONSTITUIÇÃO FEDERAL/ 1988

EDUCAÇÃO: direito garantido

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho.

2. LEI DE DIRETRIZES E BASES DA EDUCAÇÃO NACIONAL – LDBEN/ 1996:

EDUCAÇÃO: abrangente e contextualizada

Art. 1º. A educação abrange os processos formativos que se desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, no trabalho, nas instituições de ensino e pesquisa, nos movimentos sociais e organizações da sociedade civil e nas manifestações culturais.

3. DIRETRIZES OPERACIONAIS PARA A EDUCAÇÃO BÁSICA NAS ESCOLAS DO CAMPO / 2002 – RESOLUÇÃO CNE/CBE Nº 1/ 2002

EDUCAÇÃO: reconhecimento da especificidade

Art. 1º. A presente Resolução institui as Diretrizes Operacionais para a Educação Básica nas Escolas do Campo a serem observadas nos projetos das instituições que integram os diversos sistemas de ensino.

Art. 2º. Estas Diretrizes, com base na legislação educacional, constituem um conjunto de princípios e de procedimentos que visam adequar o projeto institucional das escolas do campo às Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, o Ensino Fundamental e Médio, a Educação de Jovens e Adultos, a Educação Especial, a Educação Indígena, a Educação Profissional de Nível Técnico e a Formação de Professores em Nível Médio na modalidade Normal.

Parágrafo único. A identidade da escola do campo é definida pela sua vinculação às questões inerentes à sua realidade, ancorando-se na temporalidade e saberes próprios dos estudantes, na memória coletiva que sinaliza futuros, na rede de ciência e tecnologia disponível na sociedade e nos movimentos sociais em defesa de projetos que associem as soluções exigidas por essas questões à qualidade social da vida coletiva no país.

4. DIRETRIZES DA EDUCAÇÃO DO CAMPO DO ESTADO DE MINAS GERAIS – RESOLUÇÃO SEE Nº 2.820 / 2015

EDUCAÇÃO: “direito de todos, dever do Estado e da família”

Art. 1º Ficam instituídas as Diretrizes para a Educação Básica nas Escolas do Campo de Minas Gerais, que deverão ser observadas no desenvolvimento dos programas e projetos e na atuação das instituições educacionais que integram o sistema estadual de ensino de Minas Gerais.

Art. 2º Para os efeitos desta Resolução, entende-se por:

I- Populações do campo: agricultores familiares, os extrativistas, os ribeirinhos, os assentados e acampados da reforma agrária, os trabalhadores assalariados rurais, os quilombolas, geraizeiros, vazanteiros, caatingueiros, veredeiros, pescadores artesanais, integrantes do movimento dos atingidos por barragem, apanhadores de sempre vivas, falcadores e outros que produzam suas condições materiais de existência a partir do trabalho no meio rural;

II- Escola do campo: aquela situada em área rural, conforme definida pela Fundação Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE ou aquela situada em área urbana, desde que atenda, predominantemente, às populações do campo;

Nessa perspectiva, as populações sertanejas do Semiárido Mineiro têm demandado o cumprimento de seus direitos. Dentre eles estão os direitos à terra e ao crédito fundiário; à expressão cultural das tradições e ao acesso a bens culturais; aos conhecimentos da medicina tradicional e à saúde moderna; aos conhecimentos tradicionais e a uma educação escolar. Este último não diz respeito à educação formal tradicional, mas a uma educação escolar diferenciada, que reflita a diversidade e a liberdade e que esteja compromissada com o bem-estar destas populações.

A partir de 1980 e, efetivamente, na última década de 1990, há uma intensificação dos movimentos sociais do campo na luta por um projeto de educação que defenda outro modelo de sociedade e de campo. Chamado de Educação Diferenciada,

Educação Contextualizada ou Educação do Campo, no Brasil e no Semiárido Mineiro, a incrementação dessas discussões se deu por volta das décadas de 1990 e 2000.

Sendo assim, por volta de 2000, as ideias sobre uma Educação Contextualizada ganharam mais força através da articulação com a Rede de Educação do Semiárido Brasileiro (RESAB). A RESAB é uma articulação em rede e tem sido protagonista no debate sobre Educação Contextualizada e convivência com o Semiárido Brasileiro.

Em relação à Educação do Campo, que mantém estreito debate com a Educação Contextualizada, a Rede Mineira de Educação do Campo tem assumido a coordenação desse debate em Minas Gerais. Ambas defendem uma educação democratizada, de qualidade e que respeite a realidade do contexto próximo.

EDUCAÇÃO CONTEXTUALIZADA: CONTRIBUINDO PARA A VIABILIDADE DO SEMIÁRIDO

A Educação Contextualizada se dá a partir da realidade próxima, fazendo sentido na vida das pessoas no lugar onde elas vivem. Uma educação que perceba no Semiárido Mineiro uma convivência viável, com suas potencialidades articuladas, possibilitando uma qualidade de vida melhor para as famílias sertanejas, tanto no campo como na cidade.

A educação escolar praticada nessa região não tem se preocupado em levar aos educandos o questionamento sobre os problemas do Semiárido Mineiro, onde tem permanecido uma lógica de políticas emergenciais, residuais e compensatórias, sendo ainda identificado como região de pessoas pobres, rudes e “sem cultura”. Essa educação não tem adequado sua forma de trabalho ao rico contexto social, étnico e cultural do Semiárido Mineiro.

É nesta conjuntura que se insere a Educação Contextualizada.

Eixos Norteadores da Educação Contextualizada:

A Natureza - entendida como estrato natural da ocorrência da vida e, em particular, como o meio ambiente onde ocorre o desenvolvimento de diferenciadas manifestações de vida;

O Trabalho - entendido como processo através do qual o ser humano transforma a natureza, ao mesmo tempo em que reconstrói, continuamente, a si mesmo e a realidade histórico-social que integra;

O Conhecimento - tomado como construção coletiva, histórico-social da relação homem-natureza-homem, mediada pelo trabalho; de inteligência e de desejo.

Princípios básicos defendidos por essa proposta:

- Princípio metodológico da pesquisa;
- Princípio pedagógico dos diferentes saberes;
- Princípio da multiplicidade dos espaços pedagógicos; ou seja, não é espaço pedagógico apenas a escola, o livro didático. O é, especialmente, a realidade da vida das pessoas;
- Princípios éticos da autonomia, da responsabilidade e do respeito ao bem comum;
- Princípios políticos dos direitos e deveres da cidadania, do exercício a criticidade e do respeito à democracia;
- Princípio da interdisciplinaridade a partir do contexto local;
- Princípio político de explicitar o papel da escola na construção do desenvolvimento sustentável.

Fundamentos da Educação Contextualizada

O Contexto

- Contexto – mais que espaço físico/geográfico/valores/simbolismo;
- Contexto é o ponto de partida para o entendimento, para a significação dos saberes e dos conhecimentos diversos;

- As pessoas constroem seu conhecimento a partir do seu contexto, com relações mais amplas.

Contextualização

- Reinvenção dos jeitos de se viver e de conviver com os biomas – construção de novos significados e ampliação dos saberes;
- Contexto deve ser o ponto de ancoragem dos processos educativos, condições de empedramento e desvelamento das relações existentes;

Diversidade

- Construção histórica, social, cultural e política das diferenças;
- Campo social de produção de espaços e tempos necessários das diversas manifestações dos sujeitos socioculturais;
- Pluralidade de identidades presentes no contexto da sala de aula;
- Educação intercultural, antirracista, antisexista e biocêntrica (holística).

A integração dos conhecimentos

- Inter, multi, transdisciplinar;
- Diálogo de conhecimentos a partir da realidade local valorizando a cultura, a história e as vivências das pessoas em cada região – saberes populares e científicos;
- Percepção da complexidade dos fenômenos sociais e ambientais;
- Construção e apropriação do conhecimento que produza novas relações entre os sujeitos e os saberes.

A Educação do Campo e Contextualizada no Semiárido Mineiro deve ter, então, a capacidade de contribuir para a criação de um novo olhar sobre nossa região. Um olhar que considere as potencialidades e particularidades, a fim de que cada escola e cada comunidade seja um espaço de promoção de novos saberes, de novos valores e de uma nova realidade mais próspera, justa e feliz.

PROJETO PEDAGÓGICO TEMÁTICO

Escola: _____

Professor(a): _____

Turma: _____

Duração: 01 mês.

Tema gerador: ÍNDIOS DO SEMIÁRIDO MINEIRO.

Áreas de conhecimento do tema gerador:

- História.
- Geografia.
- Artes.

Áreas de conhecimento da escolarização:

- Língua Portuguesa.
- Matemática.
- Ciências.
- Educação Religiosa.
- Educação Física.

OBJETIVOS

Reconhecer a importância histórica dos indígenas no Semiárido Mineiro e na cultura brasileira, conhecendo seus hábitos, crenças, princípios educativos, práticas medicinais, organização social, cultura alimentar, vestuário, agricultura, pesca e, por fim, seus direitos como cidadãos brasileiros.

PERFIL DA TURMA

Construir o perfil de sua turma a partir de um novo olhar, observando aspectos, tais como:

- origem dos educandos;
- idade;
- gênero;
- histórico família;
- trabalho;
- crença religiosa;
- sociabilidade etc.

Sugestão de atividade:

- Roda de conversa: relatos orais e escritos dos educandos/anotações do educador.

ATIVIDADES E PROBLEMATIZAÇÕES PARA DESENVOLVER ATRAVÉS DO TEMA

Sugestão de atividades problematizadoras e organizadoras:

- Entrevista com familiares em busca de conhecimentos sobre os índios (da região, vínculo familiar, cultura, entre outras características).
- Socialização das informações em roda de conversa.
- Construção de árvore genealógica a partir das informações coletadas.
- Produção de texto coletiva a partir das informações socializadas.
- Pesquisa em livros, dicionário, sites, enciclopédias e revistas sobre modo de vida indígena.
- Elaboração de mapa geográfico ou mapeamento social.
- Construção de objetos indígenas.
- Exposição: trazer para a sala de aula fotos, desenhos, objetos, alimentos indígenas ou herdados da cultura indígena (rede, gamela, farinha, beiju etc), com a participação das famílias e comunidades.

Sugestão de problematizações (devem ser elaboradas de forma coletiva, conforme o interesse dos educandos):

- A importância dos povos indígenas na cultura brasileira.

- A identificação histórica dos povos indígenas do Semiárido Mineiro.
- Localizar os povos e línguas indígenas do Semiárido Mineiro.
- Reconhecer hábitos dos índios, bem como suas crenças, práticas medicinais, sua organização social, cultura alimentar, agricultura, pesca, seu vestuário e seus princípios educativos,
- Direitos indígenas no Brasil.
- Educação indígena.

ÁREAS DE CONHECIMENTO E SUGESTÃO DE ATIVIDADES

LÍNGUA PORTUGUESA/DIALETOS REGIONAIS:

- Produção de painel com palavras e desenhos, listando palavras herdadas dos índios e utilizadas em nosso dia a dia.
- Organização de dicionário indígena do Semiárido Mineiro (por etnia).
- Produção de textos diversos utilizando as palavras pesquisadas e estudadas:
 - 1) narrativas;
 - 2) descritivos;
 - 3) entrevistas;
 - 4) questionários;
 - 5) cartas;
 - 6) textos coletivos;
 - 7) poesias;
 - 8) texto teatral;
 - 9) ditados;
 - 10) texto científico;
 - 11) cartazes;
 - 12) folders;
 - 13) texto jornalístico.

- Leitura de diversos tipos de textos a partir do tema gerador.

MATEMÁTICA SERTANEJA:

- Pesquisa sobre os conhecimentos matemáticos indígenas;
- Organização desses conhecimentos em livros, portfólios, painéis;
- Elaboração de situações-problema contextualizadas na realidade indígena;
- Desenvolver atividades matemáticas contextualizadas na realidade indígena, em números, operações, medidas;
- Trabalhar com Geometria a partir da realidade indígena: artesanato, utensílios, pinturas corporais;
- Elaborar tabelas e gráficos com os dados levantados sobre a realidade indígena no Brasil: educação, saúde, modo de vida, localização geográfica etc.

CIÊNCIAS DA SOCIEDADE:

- História de comunidades indígenas do Semiárido Mineiro: fatos, dados e sujeitos históricos;
- Mapa geográfico dos povos indígenas sertanejos;
- Características geográficas das aldeias: características ambientais (água, solo, vegetação, animais, reservas, erosão, grotão, voçoroca, barroca, clima, relevo, serra etc);
- Educação Indígena: projetos, experiências, legislação;
- Produção local manejo do solo, das plantas, da produção e dinâmica econômica local;

- Patrimônio cultural e religioso: xamãs/pajés, mais velhos, artesãos;
- Organização social: organizações sociais, associação, grupos de mulheres, jovens, religiosos etc.

CIÊNCIAS DA NATUREZA:

- Cultura e segurança alimentar Indígena;
- Plantas nativas e incorporadas ao local: história, classificação, utilização (sagrada, estética, medicinal econômica);
- Animais nativos e ambientados: história; classificação; utilização (econômica, estética, doméstica);
- Práticas ecológicas e gestão ambiental comunitária;
- Práticas medicinais locais e saúde;
- Tipos de moradia: arquitetura, materiais.

ATIVIDADE DE CULMINÂNCIA

Os eventos de culminância representam o momento onde se apresentará à comunidade toda a produção escolar de conhecimentos sobre o tema. Podem ser montadas exposições com os materiais produzidos (livros, painéis, portfólios, atividades feitas em sala de aula), apresentações culturais (teatro, poesia, jograis), realizar oficinas temáticas, seminário temático, visitas de intercâmbio, sessões de filme e muitas outras atividades propostas coletivamente e criativamente pelo grupo envolvido.

RECURSOS

Os recursos são elencados a partir das estratégias pedagógicas locais previstas.

Exemplos:

1. Livros, enciclopédias, revistas, jornais: pesquisa bibliográfica e de informações.
2. Lanche: passeios, excursões.
3. Pessoas qualificadas: entrevistas, visitas.
4. Papéis variados: mapeamentos, desenhos, painéis.
5. Transporte: visitas/excursões.
6. Palestrantes: palestras temáticas.
7. TV/ vídeo: filmes, documentários.
8. Caderno de campo: atividades de campo (pode ser o mesmo das atividades pedagógicas sendo utilizado com objetivos específico).

OBSERVAÇÕES

SUGESTÃO DE SITES, FILMES E DOCUMENTÁRIOS PARA ESTUDO E PESQUISA

SITES E BLOGS

www.ech.unimontes.br/labeledocampo

educacaonosemiarido.blogspot.com

www.cavjequi.org.br

www.asaminas.org.br

www.asabrasil.org.br

www.selounicef.org.br

amefa.wordpress.com

www.unefab.org.br

www.irpaa.org

www.caa.org.br

www.cedefes.org.br

www.mst.org.br

www.lecampo.com.br/chat.html

site.ufvjm.edu.br/lec/

www.redecerrado.org.br

www.insa.gov.br

nossosemiario.blogspot.com.br

portal.mec.gov.br

www.cimi.org.br

aspta.org.br

www.apib.org.br

www.thefutureoffood.com

FILMES

Amistad (1997);

A Missão (1986);

A Educação Proibida (2012);

Morte e Vida Severina (1977);

Tapete Vermelho (2006);

Orquestra do Meninos (2008);

Lula, o filho do Brasil (2009);

Pequenas Histórias (2007);

O Cangaceiro (1953; 1997);

Patativa do Assaré Ave Poesia (2007);

DOCUMENTÁRIOS

Cacunda de Librina (2007):
CAA/NM – Comissão Regional de Povos e Comunidades Tradicionais;

Conversando com o Rio (2010):
CAA/NM - Comissão Regional de Povos e Comunidades Tradicionais;

Unha Preta (2011): CAA/NM -
Comissão Regional de Povos e Comunidades Tradicionais;

Romaria do Areião (2011):
AFTRAJ-MG/Fundo Brasil dos Direitos Humanos;

Atlântico Negro -
a Rota dos Orixás (2007);

Zé Côco do Riachão:
Minha Viola e Eu (2002);

Honrados Amaros Benditos (2004);

Missa da Terra sem Males (1981);

O Veneno está na Mesa (2011);

Série Água, Vida e Alegria
no Semiárido (ASA Brasil -
www.youtube.com)

Comunidades Quilombolas
de Minas Gerais (2008) - CEDEFES;
O futuro da comida (2004);

IV Marcha pela Vida das Mulheres
e Agroecologia (aspta.org.br);

A Vida de Margarida (aspta.org.br);

Agricultura mora em mim: a face
invisível das cidades (aspta.org.br);

Políticas Públicas e Sistemas
Agroflorestais (aspta.org.br);

Coisas do Sertão: Educação
Contextualizada (www.youtube.com);

Semiárido construindo Educação
Contextualizada (www.youtube.com);

Vivendo em Solidariedade com o
Semiárido (www.youtube.com);

Educação contextualizada sobre
o Semiárido foi tema de debate
no ICID+18 (www.youtube.com);

ANOTAÇÕES

ANOTAÇÕES

REFERÊNCIAS

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A cachoeira de rio acima**. Campinas/SP: Mercado de Letras Edições e Livraria, 2003.

BRASIL. 2007. Decreto Nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007. **Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais**. Disponível em: <<http://www.mds.gov.br>>. Acesso em 06 mar 2007.

CARVALHO, Luzineide Dourado. **A Emergência da Lógica da “Convivência Com o Semi-Árido” e a Construção de uma Nova Territorialidade**. In Educação para a convivência com o Semi-Árido: reflexões teórico-práticas. 2ª. ed. Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semi-Árido Brasileiro, Selo Editorial-RESAB. Juazeiro. 2006. p. 17-34.

COSTA, João Batista de Almeida. **Identidade Norte Mineira**: Assuntando sua Especificidade Regional nos Estudos de Nação. In: Revista Verde Grande, Montes Claros, v. 1. n. 5. 2008. p. 29-38.

_____. Cultura, Natureza e Populações Tradicionais: o Norte de Minas como síntese da nação brasileira. In: Revista Verde Grande, Montes Claros, vol. 1. n. 3. 2006. p. 8-48.

DAYRELL, Carlos A. Geraizeiros e Biodiversidade no Norte de Minas: a contribuição da agroecologia e da etnoecologia nos estudos dos agroecossistemas tradicionais. Dissertação. Espanha: Sede Íbero Americana de La Rábida, Universidade Internacional de Andalucia, 1998.

_____. Os Geraizeiros descem a serra ou a agricultura de quem não aparece nos relatórios dos agrobusiness. In: Cerrado e Desenvolvimento – tradição e atualidade. Agência Ambiental de Goiás. 2000: Goiânia. p. 189-272.

_____. **O semiárido mineiro e a movimentação dos povos do lugar na luta pela Convivência com os potenciais culturais e ecossistêmicos do sertão mineiro**. Disponível em <http://www.oitavoenconasa.org.br>. Acessado em 15 de abril de 2013.

MACÊDO, Magda Martins. **Escola Rural Geraizeira**: os Geraizeiros da Tapera e sua Luta por uma Educação do Campo no Norte de Minas. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Montes Claros – Unimontes, Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Social/PPGDS, 2009.

MARTINS, Josemar da Silva. **Anotações em torno do conceito de Educação para a Convivência com o Semi-Árido**. In: Educação para a convivência com o Semi-Árido: reflexões teórico-práticas. 2ª. Ed. Secretaria Executiva da Rede de Educação do Semi-Árido Brasileiro, Selo Editorial-RESAB. Juazeiro. 2006. p. 29-53.

NOGUEIRA, Mônica C. R. **Gerais à dentro e a fora**: identidade e territorialidade entre Geraizeiros do Norte de Minas Gerais. Brasília. DF: Universidade de Brasília, 2009. (Tese de Doutorado em Antropologia Social).

OLIVEIRA, Cláudia Luz de. **Vazanteiros do Rio São Francisco**: um estudo sobre populações tradicionais e territorialidade no Norte de Minas. Belo Horizonte/MG: UFMG, 2005. (Dissertação de Mestrado).

RIBEIRO, Ricardo Ferreira. História Ecológica do Sertão Mineiro e a Formação do Patrimônio Cultural Sertanejo. In: **Cerrado e Desenvolvimento**: tradição e atualidade. Agência Ambiental de Goiás. Goiânia. 2000. p. 47-106.

ROSA, Guimarães. **Grande Sertão**: Veredas. 3ª edição, Rio de Janeiro: José Olympio, 1993.

SILVA, Cássio A. da Silva. **A natureza de um território no sertão do Norte de Minas Gerais**: a ação territorial dos Xakriabá. Uberlândia, MG: Universidade Federal de Uberlândia, PPGEO, 2014, 267 p. (Tese de Doutorado).

SILVA, Maria do Socorro. Fundamentos da Educação Contextualizada. In: **Relatório do Seminário Nacional Sobre Educação Contextualizada para a Convivência com o Semiárido**. Disponível em www.insa.gov.br/snecsab. Acessado em 19 de jul de 2010.

SITES

www.insa.gov.br/snecsab

www.incra.gov.br

www.cedefes.org.br

www.mec.br

| Agradecimento:



ISBN 978-85-68126-04-2

